

GEOGRAFIA E TURISMO NO ALGARVE

ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS

Prosseguindo trabalhos de campo no Sotavento algarvio, tomámos contacto directo com os problemas do turismo e reconhecemo-lo como um factor importante na mutação das paisagens e das estruturas urbanas e sociais do litoral, não obstante tratar-se do sector da costa ainda menos *metamorfizado*, pois só Monte Gordo pesa, verdadeiramente, através dos seus equipamentos hoteleiros, parque de campismo, formas complementares de alojamento e fluxos de turistas que para lá convergem. Todavia, uma simples viagem por todo o Algarve litoral mostra claramente como o surto brusco dos veraneantes, desencadeado após as Comemorações Henriquinas ⁽¹⁾, promoveu uma campanha geral de construção de equipamentos primários, desordenada e desequilibrada no nível, na estrutura e na dispersão. Sectores de areais foram urbanizados, a costa mudou de feição, bem como a fisionomia da velha e densa rede urbana. Outras paisagens e novos meios sociais a definem, construídos em função dos interesses da economia nacional e das espontâneas iniciativas de particulares, sem subordinação a um plano orgânico de desenvolvimento regional onde coubessem os interesses gerais dos Algarvios. O choque da actividade turística com as actividades tradicionais cria, sem dúvida, problemas novos; o turismo poderia ser um motor que indirectamente contribuisse para atenuar a crise da agricultura de sequeiro, da pesca e da indústria de conservas, se as realizações não fossem

como que justapostas, em discordância viva com a realidade, ao acaso das especulações fundiárias, por vezes imprudentes, talvez mesmo forjadas em gabinetes e sem o conhecimento básico da unidade e da diversidade geográfica da província. E para muitos o turismo tornou-se um salva-vidas. Com paixão se discute a construção dum hotel ou a concorrência que o desenvolvimento urbano-turístico da Isla Canela oferece, com muito mais entusiasmo do que a dragagem da barra do Guadiana. E, no entanto, desde 1960 que esta se encontra ⁽²⁾ em risco de ser fechada; mas continuava ainda em estudo no momento em que as cheias do rio, em Março de 1969, tornaram completamente impossível todo o movimento de pesca, deixando sem porto quase duas dezenas de traineiras e muitas enviadas e sem abastecimento rápido seis grandes fábricas de conservas de peixe, e atrofiando todas as actividades a elas ligadas directa ou indirectamente, actividades quase únicas duma população de mais de 10 000 habitantes.

O tema é no entanto bastante difícil. Nele deverão convergir as atenções de agrónomos, economistas, urbanistas, sociólogos, planificadores, para os quais as componentes espaciais e humanas são importantes, mas também as dos geógrafos: «a Geografia situa-se numa encruzilhada de ciências da natureza e do homem», velho princípio, sempre moderno! Focaremos adiante alguns aspectos e problemas geográficos do desenvolvimento recente do turismo no Algarve, esperando suscitar investigações globais mais aprofundadas, que possam evitar comprometer o futuro equilibrado, próspero e dinâmico da província.

O TURISMO NA ECONOMIA NACIONAL E REGIONAL

Terá a aventura em que o Algarve foi lançado alguma justificação? Uma análise, embora superficial, do desequilíbrio da balança comercial metropolitana permite-nos compreendê-la ⁽³⁾. Na verdade, o défice, que em 1955 era apenas de 2,7 milhões de contos, alcançou 7,8 milhões em 1966 e 8,7 em 1967. Nos anos que decorreram entre 1955 e 1966, as

⁽²⁾ A dragagem fora assegurada pela Companhia de Exploração da Mina de S. Domingos e, nos últimos anos, pelos Serviços do Estado portugueses e espanhóis.

⁽³⁾ *III Plano de Fomento*, vol. I, cap. III.

⁽¹⁾ Em 1960. Data de então a construção do primeiro grande hotel do Algarve: o Vasco da Gama, em Monte Gordo.

importações aumentaram ao ritmo anual de 8 p. 100, as exportações ao de 7 p. 100, mas o produto interno bruto apenas ao de 5 p. 100. Como se explica este acréscimo considerável do défice? Convém lembrar, em primeiro lugar, o medíocre desenvolvimento da indústria, vivendo muitas empresas ao abrigo de proteccionismos pautais ou em regimes de monopólio, o que tem limitado a concorrência externa e interna, tolhido as iniciativas de empresários mais dinâmicos e perpetuado fabricos rotineiros, indiferentes ao desenvolvimento tecnológico dos países mais industrializados, cuja interferência não tinham nos mercados para os quais fundamentalmente trabalhavam. Portugal pouco tinha que exportar. Mesmo quanto a produtos agrícolas, a sucessão de maus anos climáticos, inevitáveis, e o êxodo rural para as cidades e em seguida para o estrangeiro, primeiro para a França, depois para a Alemanha, seguindo o caminho dos Italianos e Espanhóis, não tendo sido acompanhado de reformas de estrutura e de técnicas de trabalho fez que muitos campos ficassem por cultivar por falta de braços que em terras distantes e à custa de bravos sacrifícios buscavam salários mais justos ⁽⁴⁾. Com efeito, o sector primário em 1960 representava 49,2 p. 100 da população activa, com 1 448 200 pessoas, e em 1965 apenas 37 p. 100, com 1 128 500; em 1960 saíram 7300 emigrantes, em 1962, 12 300, em 1965, 65 700, segundo as estatísticas oficiais, que estão muito aquém dos valores globais, pois os totais de clandestinos em Champigny duplicam nitidamente a emigração oficial ⁽⁵⁾. Ainda como consequência da emigração, houve um encarecimento brutal das jornas, que as condições económicas dos empresários agrícolas não permitem pagar, acabando por cair por terra, ao abandono, muitos frutos, antes orgulho, fortuna e fartura de tantos camponeses, mas cujos preços se mantêm estagnados. O ritmo de crescimento do consumo de adubos tende a diminuir, a população rural envelhece, e nas terras de sequeiro do Algarve poucos semeiam ainda cereais, na medida em que é mais barato comprar

⁽⁴⁾ Também muitas xávegas ficaram eternamente na areia.

⁽⁵⁾ *L'immigration portugaise. Hommes et migrations*, ESNA, n.º 105. Champigny é como que o entreposto da emigração clandestina, onde muitas empresas da província vão contratar a mão-de-obra estrangeira de que necessitam.

diariamente o pão do que produzi-lo, dados os preços dos fertilizantes e dos salários. A apanha da azeitona em muitos sítios de olivais velhos nem gratuitamente se faz ⁽⁶⁾.

Por todo este jogo de factores o comércio externo metropolitano foi agravado por importações crescentes de produtos agrícolas (1955, 10 p. 100 das importações; 1966, 13 p. 100), enquanto as exportações dos mesmos passaram de 26,6 p. 100 em 1955 a 16,1 p. 100 em 1965, não obstante os concentrados de tomate, frutos e produtos hortícolas preparados e conservados e as pastas celulósicas registarem ultimamente aumento considerável. No geral, as perspectivas são problemáticas, visto que se dirigem a mercados pouco elásticos, além de as políticas governamentais, por complexos sistemas de transferências sectoriais de rendimentos, poderem tornar os mercados internacionais de produtos agrícolas verdadeiramente ruinosos, não obstante possíveis condições favoráveis, tanto naturais como de salários; mas a emigração já demonstrou que estas não poderão durar longamente, pois a paridade económica e social será objectivo fundamental que as classes camponesas desfavorecidas tentarão alcançar.

No campo industrial, a redução do défice também não parece fácil. Registou-se entre 1955 e 1965 um reforçar da posição dos produtos industriais nas exportações da metrópole: os artigos manufacturados, os produtos químicos, as máquinas e materiais de transporte passaram de 42,9 p. 100 a 62,9 p. 100, mas nestes os artigos têxteis representam 26,7 p. 100 (14,1 p. 100 em 1955), dominando fios e tecidos não de qualidade, o que tornará difícil suportar a concorrência dos países em vias de industrialização, bem como satisfazer uma maior exigência da clientela, em paralelo com a elevação do seu nível de vida. As importações de máquinas e materiais de transporte passaram, no mesmo intervalo de tempo, de 27,2 p. 100 para 32,9 p. 100. Torna-se urgente adquirir os equipamentos tecnológicos modernos que permitam a certos

⁽⁶⁾ Entre 1953 e 1964, a agricultura, silvicultura e pecuária contribuíram apenas com 1,6 p. 100 para o acréscimo do P. I. B. As tendências são dinâmicas quanto a produtos hortícolas e frutas, da pecuária e da silvicultura, e regressivas para os cereais de praga de sequeiro.

ramos especializados uma elevada produtividade, condição de sobrevivência de muitas empresas, logo que terminem as cláusulas do anexo G da Convenção de Estocolmo, ficando livremente aberto o mercado nacional aos produtores dos países da E. F. T. A.

Não apenas a balança comercial portuguesa é gravemente deficitária, como o seu desequilíbrio tende a acentuar-se, e o III Plano de Fomento prevê um défice de 15,7 milhões de contos em 1973.

Nestas condições, e uma vez que a maioria das transacções, tanto de exportações (1966: E. F. T. A. — 24,4 p. 100; C. E. E. — 20,7 p. 100; outros países da Europa — 5,2 p. 100; Estados Unidos e Canadá — 14,3 p. 100) como de importações (máquinas agrícolas, máquinas para a indústria têxtil, outros equipamentos não eléctricos e aparelhagem electrodoméstica), se fazem com os principais países emissores da clientela turística internacional, compreende-se que, no aspecto macro-económico, o turismo, com a respectiva entrada de divisas, representasse para Portugal uma importante possibilidade de salvar, pelo menos aparentemente, a independência económica.

A óptica não é nova nem original, como o testemunham os exemplos da Grécia, Espanha, Israel, Marrocos... e mesmo da Suíça, Inglaterra, ou dos Estados Unidos. Ao turismo se reconheceu desde há muito um papel fundamental na economia portuguesa (⁷). Em Maio de 1911 foi criada a Repartição de Turismo no Ministério de Fomento. Alguns meses após a definição da Lei de Reconstituição Económica de 1935, realizou-se o 1.º Congresso Nacional de Turismo, que aliás reflecte preocupações semelhantes às da actualidade: o défice da balança comercial poderia ser parcialmente coberto através das divisas proporcionadas pelos turistas que nos visitassem (⁸). Os anos decorrem e o movimento prossegue, mas

(⁷) ALFREDO DE MAGALHÃES COELHO, «O Planeamento e o Sector do Turismo», *Boletim do Comissariado do Turismo*, n.º 3, Lisboa, 1968. A este autor e ao dr. MANUEL ROCHA, director do Gabinete de Estudos e Planeamento da Direcção-Geral do Turismo, devemos muitas informações sobre o turismo em Portugal.

(⁸) Em 1934, as importações foram de 1961 mil contos e as exportações de 843 mil contos, no essencial constituídas por vinhos, cortiça e conservas, a que a crise económica dificultava a colocação.

a ritmo lento (⁹): o veraneio e as excursões generalizam-se entre os nacionais, e o turismo estrangeiro, favorecido pela neutralidade política do país, vai pouco a pouco consolidando-se. Todavia, só a década de 60 introduziu uma forte aceleração na dinâmica dos movimentos turísticos com destino a Portugal, elevando-se a cerca de 500 000 o número de estrangeiros entrados em 1963, a 1 milhão em 1964, quase 2 milhões em 1966 e a 2,5 milhões em 1967 (¹⁰). Económicamente, o facto reveste-se de importância relevante: mais de um quarto do total das vendas de bens e serviços, acção estimulante em vários sectores de actividade — construção civil e indústrias correlativas, hotelaria, transportes, artesanato, agricultura ou pesca —, promoção de certas exportações, pela compra directa ou pelo conhecimento dos artigos, etc. No Plano Intercalar de Fomento «concedeu-se à actividade turística a distinção de valioso instrumento operacional que, mediante a obtenção de disponibilidades cambiais necessárias correlativas, hotelaria, transportes, artesanato, agri-serviços, poderia prestar um notável contributo para a manutenção da estabilidade financeira interna e da solvabilidade externa da moeda nacional» (¹¹); muitos investimentos turísticos, atendendo aos seus efeitos multiplicadores, foram considerados prioritários, particularmente os que tinham como objectivo o aumento da capacidade de recepção, logo a hoteleira, das regiões do país que pelo seu potencial turístico asseguravam uma maior rentabilidade e amortização a curto prazo, condição premente numa economia de poucos recursos

(⁹) Em 1948, as receitas turísticas representaram 5 p. 100 das exportações de bens e serviços da metrópole e, em 1957, 7 p. 100, no valor de 0,7 milhões de contos; ainda em 1948, elas cobriam 3 p. 100 do défice das importações-exportações, mas 8 p. 100 em 1957, 32 p. 100 em 1964 e 55 p. 100 em 1966, pagando então, com os seus 7,5 milhões de contos, 22 p. 100 das importações da metrópole contra 11 p. 100 em 1964, 4 p. 100 em 1957 e 2 p. 100 em 1948. A guerra civil de Espanha, dificultando a travessia terrestre da Península, e a segunda guerra mundial, prolongando ambas a crise económica de 1930, justificam esse ritmo lento.

(¹⁰) Entre 1961 e 1966, o valor da exportação de serviços de turismo cresceu à taxa média anual de 48 p. 100, *III Plano de Fomento*, cap. IX.

(¹¹) A. DE MAGALHÃES COELHO, *ob. cit.*

financeiros. E o Algarve, dominado por um povoamento costeiro, em que quase todas as aglomerações importantes se situam à beira-mar (fig. 1), oferecia já as infra-estruturas mínimas para uma promoção destacada. Visitado de há muito pela beleza dos campos de amendoeiras em flor ou por gente em férias, em busca de sol, mar, águas calmas e praias abrigadas, recatadas e íntimas, torna-se cada vez mais conhecido entre os turistas de além-Pirenéus, da Inglaterra ou da América. A mutação desencadeada prosseguiu, recebendo esta província parte considerável dos fluxos crescentes de visitantes estrangeiros acolhidos pelas velhas povoações, progressivamente equipadas e renovadas, ou pelos centros turísticos criados de novo.

As hipóteses óptimas da evolução do turismo durante o período de vigência do Plano trienal foram, de facto, confirmadas. O número de dormidas de estrangeiros em hotéis era, em 1964, de 2,3 milhões e, em 1966, de 3 milhões ⁽¹²⁾; ao mesmo tempo, as receitas turísticas passaram de 3,5 a 7,5 milhões de contos, números que justificam a importância atribuída ao sector pelo III Plano de Fomento: uma participação superior a um terço do valor das exportações da metrópole. Fora previsto um acréscimo anual da procura estrangeira, essencialmente inglesa, alemã, francesa e estado-unidense, de 15 a 20 p. 100, mas, decorrido 1968, primeiro ano de vigência do Plano, a incerteza surge. Na verdade, durante este, a procura estagnou ⁽¹³⁾ e não houve uma diversificação geo-

(12) Nesse ano, os ingleses representavam cerca de 25 p. 100, os estado-unidenses 17,3 p. 100, os franceses 15,2 p. 100 e os alemães 9,8 p. 100. Os maiores aumentos, entre 1960 e 1965, foram de alemães, ingleses e americanos. Numa análise da diversificação da clientela por nacionalidades, as percentagens deverão ser sempre relacionadas com a dimensão demográfica dos respectivos países, as taxas de urbanização ou, melhor ainda, a importância da população activa dos sectores secundário e terciário e o rendimento *per capita* dos mesmos.

(13) A diminuição das receitas deverá ser encarada tomando, paralelamente, as disponibilidades cambiais dos turistas estrangeiros e os invisíveis proporcionados pela emigração portuguesa na Europa. As perturbações políticas internas de certos países mediterrâneos concorrentes deverão, no entanto, favorecer Portugal.

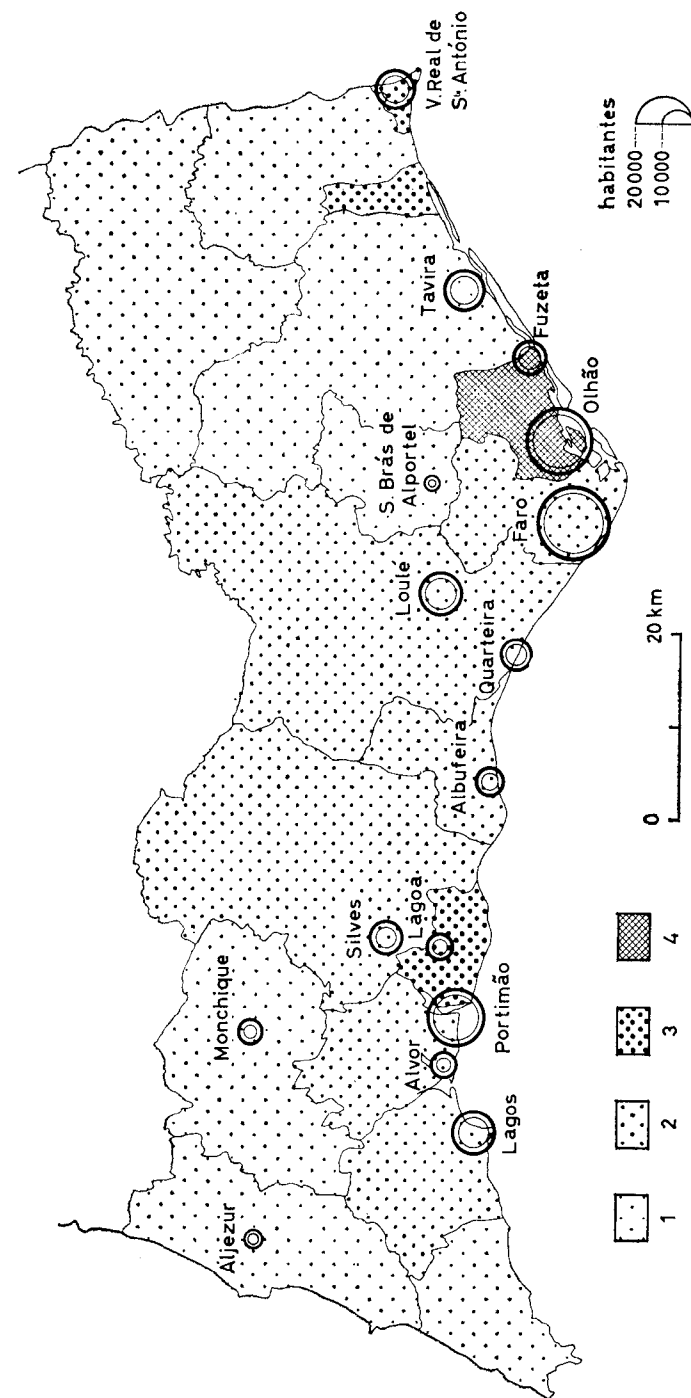


Fig. 1 — Distribuição da população no Algarve. Densidades rurais, em habitantes por quilómetro quadrado: 1 — 10 a 40; 2 — 40 a 80; 3 — 80 a 160; 4 — superior a 180. Aglomerações com mais de 1000 habitantes (1960).

gráfica dos mercados emissores ⁽¹⁴⁾. O processo de desenvolvimento económico fica em parte comprometido e toda a prudência não é portanto demasiada na formulação de hipóteses prospectivas, pois o esforço de conquista de mercados dependentes do jogo das conjunturas económicas e sociais internacionais, das modas ou de outras medidas relativas a preços, organização de transportes e publicidade, não garante o alcance de metas planeadas ⁽¹⁵⁾.

O turismo aparece assim, num dado momento, como uma riqueza extraordinária, mas que, satisfazendo aspirações humanas do domínio do supérfluo, pode num curto lapso de tempo perder todo o valor anterior. Deste modo, qualquer economia nacional que o tome como pedra basilar está sujeita a crises que correspondem às crises de crescimento do próprio fenómeno. E o progresso social será igualmente afectado, na medida em que o turismo se revela como importante «catalisador de múltiplos efeitos induzidos em várias actividades, às quais proporcionará mercados importantes» ⁽¹⁶⁾ e dentro das quais criará numerosos empregos, relativamente bem remunerados ⁽¹⁷⁾. Lembremos, a propósito, que o nível dos salários dos trabalhadores da construção civil é superior ao dos jornaleiros agrícolas, com a vantagem de o trabalho

⁽¹⁴⁾ A redução do número de visitantes foi sensível quanto a franceses, belgas, suecos, dinamarqueses, africanos do sul, austríacos, noruegueses e irlandeses. As taxas de aumento mais impressionantes dizem respeito a ingleses, canadianos, finlandeses, jugoslavos, turcos e luxemburgueses. Os visitantes alemães, italianos, brasileiros, holandeses, suíços, gregos e japoneses foram também mais numerosos em 1968 do que em 1967.

⁽¹⁵⁾ Prolongar a taxa anual de acréscimo do número de dormidas registado nesta década é talvez audacioso, porque ela traduz um despetar da atracção e o carácter de novidade, preocupação moderna da clientela.

⁽¹⁶⁾ A. DE MAGALHÃES COELHO, *ob. cit.*

⁽¹⁷⁾ O dinamismo da construção civil a nível regional poderá, num futuro próximo, criar problemas graves de reconversão de mão-de-obra quando, a partir dum certo grau de desenvolvimento turístico, aquele se atenuar. Como garantir trabalho a todos os novos pedreiros, formados uns no país e outros em França, e mercado à produção de empresas de fabrico de tijolos e polimento de mármore e outras rochas, por exemplo?

não conhecer hoje os períodos de inactividade do calendário rural; também o preço das horas no serviço doméstico feminino dos hotéis ultrapassa sempre 5\$00, valor máximo na apanha dos frutos dos pomares de sequeiro do Algarve e apenas alcançado pelas operárias das fábricas de conservas de peixe do Sul, após a crise do Verão de 1968; quanto aos salários do pessoal especializado na indústria hoteleira ou noutras actividades turísticas, eles tentam os dos funcionários públicos, com instrução e cultura semelhantes e mesmo superiores, apesar de certa falta de estabilidade: bastaria comparar os dum guia, intérprete, cozinheiro ou chefe de mesa, com os dos professores primários, operadores dos C. T. T. ou assistentes universitários...

De qualquer das formas, trata-se dum progresso parcial. Podemos-lo exemplificar com os problemas do mundo rural. Os níveis de salários ligados directa ou indirectamente ao turismo, conjugando-se com a emigração, fizeram agravar a crise de mão-de-obra e elevar as jornas a preços mais justos humanamente, mas que quase sempre ultrapassam as disponibilidades dos empresários. Deficiências de estruturas fundiárias e de técnicas das explorações fazem que a produtividade do trabalho humano seja muito baixa, tanto mais que os preços das produções, tomados ao nível do produtor, se mantêm praticamente estacionários em muitos sectores desde 1960: alfarrobas e amêndoas nem sequer alcançavam, em Junho de 1969, os valores máximos conhecidos antes do grande surto do turismo no Algarve, e as despesas crescentes da apanha a custo a justificam. Também, para esta província, não deixa de impressionar a leitura atenta das páginas que no III Plano de Fomento nos indicam as linhas gerais de planeamento ⁽¹⁸⁾. «Quanto à sub-região do Algarve, o seu desenvolvimento próximo basear-se-á, como se disse, fundamentalmente na expansão do turismo [...] e no aproveitamento dos respectivos reflexos.» A escolha da orientação é perigosa: «paralelamente, deverão ser examinados os efeitos regionais da actividade turística, pois não convém basear o

⁽¹⁸⁾ III Plano de Fomento, vol. II.

desenvolvimento desta sub-região ⁽¹⁹⁾ apenas numa actividade dependente de diversos factores externos». Mas tudo lhe parece subordinado: «as condições de acesso, acostagem e apetrechamento dos principais portos algarvios, particularmente o de Portimão», tanto como porto de pesca como de apoio ao movimento turístico; «a construção de uma via rápida que, saindo de Lisboa, corra paralelamente à costa ocidental e continue depois, em sentido longitudinal, até à fronteira espanhola»; a modernização da linha de caminho de ferro do Sul.

É ainda do turismo que se espera o impulso para o desenvolvimento da agricultura, através do fornecimento às unidades hoteleiras de produtos de qualidade, mediante contratos de produção-consumo entre organizações de agricultores e de turismo, podendo uma parte da produção aproveitar o aeroporto de Faro para alcançar os mercados europeus. Mas qual a percentagem de agricultores algarvios que vivem apenas da horticultura ou dos primores? Aliás, estes terão pequeno consumo regional porque, apesar da concorrência oferecida pela conservação pelo frio, os melhores mercados continuam a ser os de Lisboa. A sua produção corresponde a períodos ainda de fraca frequência turística, e os hotéis abastecem-se na capital, ao mesmo tempo que o fazem para outros produtos não regionais ou exóticos. O maior mercado de produtos hortícolas determinado pelo turismo regista-se nos meses de Verão, quando a clientela é máxima, mas também quando a produção é menor, pelas limitações dos caudais de água de rega provenientes de poços e mesmo de barragens. Por todo o lado, nesses meses, são as culturas de milho e feijão que, por entre as laranjeiras, aproveitam a maior parte da água e do trabalho dos camponeses (regas semanais). Todavia, certas culturas muito especializadas esboçam-se: flores e

⁽¹⁹⁾ Sub-região integrada na região do Sul, constituída esta pelos distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro, como se entre estes existisse qualquer factor de unidade a não ser a sua posição a sul do vale do Tejo e o clima com tonalidade mediterrânea bem marcada. Aliás, é muito difícil admitir que qualquer cidade do Alentejo, promovida a metrópole regional, possa distribuir à população algarvia um certo número de serviços de nível superior, quando as ligações rápidas com Lisboa para esta continuarão forçosamente a fazer convergir a procura.

plantas de decoração em estufas, espargos e vinhas para produção de uvas de mesa, ocupando sempre pequenas parcelas rurais. A criação de gado bovino orienta-se para a produção de leite, ainda inferior às necessidades do consumo estival e compensada com abastecimento proveniente de regiões do centro e do norte do País, que entretanto fornecem também frutas diversas e produtos hortícolas, faltando regionalmente (melões, maçãs, tomates, alfaces ou feijão verde). A Serra Algarvia é reconhecida como «zona crítica»; mas a sua reconversão aguardará a emigração total e definitiva da população? As vastas arroteias, seguidas de queimadas, que durante toda a primeira metade deste século constituíram as técnicas preliminares de abertura de campos para a cultura de cereais, à qual se seguiam longos pousios, não se justificam economicamente, pois as sementeiras nas encostas de xisto, declivosas e de solos pouco desenvolvidos, a custo alcançam cinco sementes. A criação de porcos em regime pastoril decaiu também, tal como a criação de rebanhos de cabras e ovelhas. Parece ultrapassada a velha expressão «sou da serra, sou serrenho, e vendo carne às arrobas». A criação de abelhas, logo a venda de mel, bem como a de carvão, perderam há muito o papel económico regional. A cortiça diminuiu de preço e a aguardente de medronho pouco significa. Os lavradores vêem-se em dificuldades ao organizarem o balanço das suas explorações, e os jornaleiros dos casais e dos montes encontraram modos de ganhar a vida no Baixo Algarve, trabalhando como caseiros ou na apanha dos frutos, a dias, e também como pedreiros. Dum extremo ao outro, a Serra perde definitivamente ou estacionalmente a população activa, não apenas a favor da província, mas também dos países industrializados da Europa.

O turismo no Algarve não deverá ser considerado como panaceia de todos os males: emigração, desemprego, nível de vida ou modesta industrialização. A clientela estrangeira representa, sem dúvida, uma fortuna para os hotéis, mas as possibilidades regionais de investimento foram de medíocre importância, correspondendo apenas a realizações limitadas e fragmentadas. Os lucros são em grande parte exportados e a parcela que fica é distribuída muito desigualmente. Lembremos, a propósito, as palavras de P. CARRÈRE e R. DU-

GRAND: «O desenvolvimento do turismo é necessário, mas o fim máximo de uma renovação regional é aumentar as forças produtivas. Entre a fábrica e a praia, o regadio e as estações de montanha, a concorrência não é lei. Basta assegurar o seu equilíbrio e não sacrificar nada ao que poderia ser uma miragem perigosa» ⁽²⁰⁾.

CONDIÇÕES TURÍSTICAS

Não pensamos numa vocação turística do Algarve, determinada pela sua geografia, pois também neste campo as vocações nos parecem ditadas pelas conjunturas económico-sociais internacionais e, mais ainda, pela moda. Esta pode ser criada através duma propaganda eficiente, favorecida pela organização de transportes rápidos e modernos, capaz de compensar a distância que separa a província dos grandes centros emissores de clientela ⁽²¹⁾. Pela importância que a vida balnear ganhou nos nossos dias, a diversidade das paisagens ou a riqueza arquitectónica dos monumentos tornou-se secundária. O turista moderno, viajando de avião ou mesmo de automóvel, atravessa rapidamente e quase sempre com indiferença as terras que o separam da praia escolhida. Quantos passam as férias no Algarve sem jamais conhecerem os belos azulejos da Igreja de S. Lourenço de Almancil, o portal manuelino de tipo «radiado» da matriz de Monchique, a riqueza da talha da Igreja de Santo António de Lagos, ou a planta da antiga mesquita de Mértola? Quantos repararam na originalidade da topografia da Serra do Caldeirão, coberta de estevas e montados, na fisionomia dos campos do Barrocal, na policultura intensiva das hortas do Algarve litoral? Outros aspectos se lhes impõem: céu azul, dias soalheiros, temperatura amena, mar calmo, recantos abrigados de praia com areia fina e confortáveis hotéis, *boîtes*, casinos e terrenos de jogo. De acordo com algumas destas exigências da procura, o Algarve, terra quase vazia para o turismo até 1960, foi eleito. A clientela internacional,

⁽²⁰⁾ PAUL CARRÈRE et RAYMOND DUGRAND, *La Région Méditerranéenne*, col. «France de Demain», PUF, Paris, 1967.

⁽²¹⁾ O aeroporto de Faro foi aberto à circulação no Verão de 1965.

cada vez mais numerosa, procurou praias ainda «mediterrâneas», mas não saturadas pela grande frequência estival. E, reconhecido o papel do turismo na economia nacional, o Algarve foi definido como zona de desenvolvimento prioritário, ganhando rapidamente as infra-estruturas fundamentais, não as de grande luxo que as *élites* de Miami, Deauville, Mónaco, Nice ... pediriam, mas as de primeira classe.

Condicionamentos naturais. — As paisagens do litoral atlântico meridional e o clima ainda mediterrâneo apoiaram o despertar da província e a sua integração numa vida de recreio mundano e cosmopolita. Do Cabo de S. Vicente ao Guadiana, a costa é rica de contrastes. No Barlavento, as formações secundárias e terciárias entram em contacto com o mar através de arribas altas, cortadas por níveis de praias quaternárias. Os contornos movimentados e irregulares definem ora pequenos arcos de areia, ao abrigo de blocos-testemunhos salientes, contra os quais as vagas vão exercendo a sua força erosiva — praias de D. Ana, do Carvoeiro, de Albufeira —, ora largas extensões, mais abertas, como a Meia Praia de Lagos ou o litoral da Balaia e de Quarteira. Pelo contrário, no Sotavento, as antigas praias reduzem-se a patamares embutidos no sopé do último alinhamento de relevos calcários (do Cabeço da Câmara ao S. Miguel e ao da Cabeça) e são os níveis quaternários mais modernos, a cotas de menos de 30 m, que contactam com a laguna. Uma topografia baixa, quase sem degraus, por vezes coberta de dunas, aproxima-se da ria de Faro-Olhão, e as praias ficam longe, à beira do oceano, sobre as ilhas da restinga, desprotegidas dos ventos dos quadrantes de norte e com acesso pouco cómodo, quando uma ponte não as ligou ainda à terra firme. Podemos, portanto, separar três sectores: o do Barlavento, que se estende até Vale do Lobo, o do centro Sotavento, do Ludo a Cacela, e o do extremo Sotavento, que abrange Manta Rota, Lagoa, Praia Verde e Monte Gordo até à Ponta de Santo António, na foz do Guadiana; sendo diferentes, podem satisfazer preferências diversas, pois se as irregularidades do Barlavento conferem valor turístico à costa, a proximidade dum grande e denso pinhal, a extensão da praia, a finura da areia e a suavidade da inclinação da

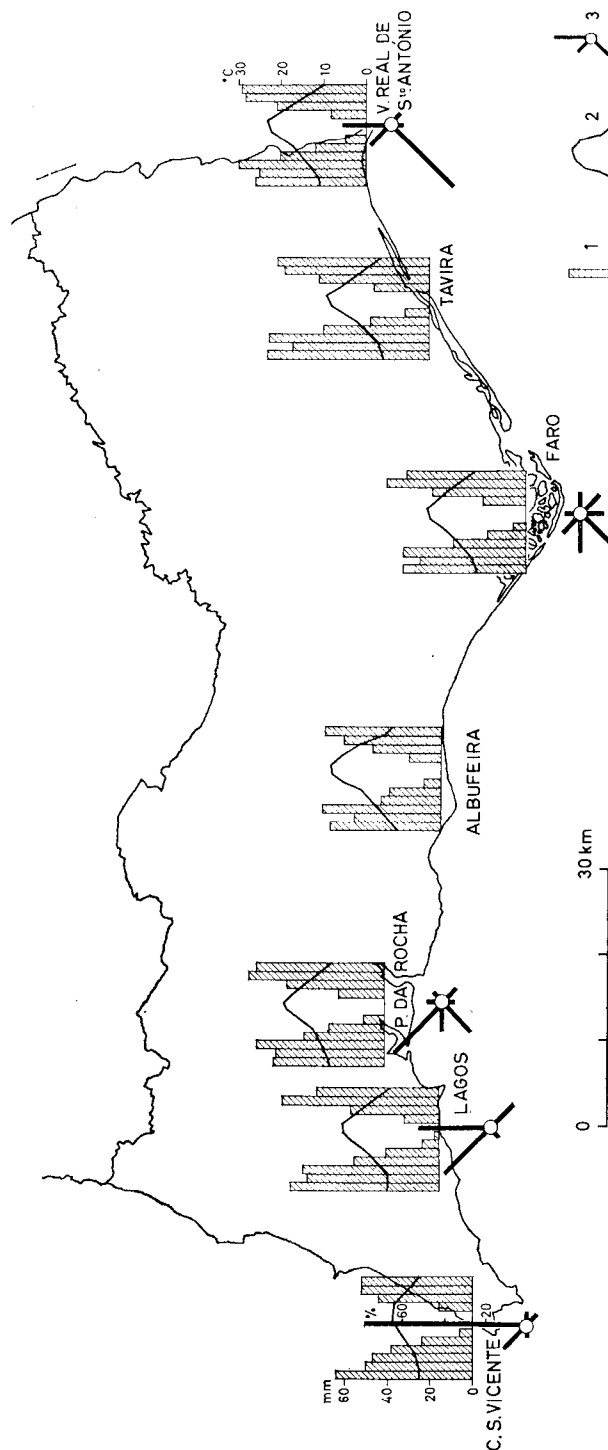


Fig. 2 — Elementos climáticos do litoral do Algarve. 1 — Pluviosidade média mensal (mm); 2 — temperatura média mensal (°C); 3 — frequência dos rumos dos ventos em Julho.

plataforma coberta e descoberta alternadamente pelas marés são também aspectos não menos positivos para o turismo balnear no extremo Sotavento; para muitos, valem tanto como o carácter ruiforme das arribas, particularmente quando o carso das formações miocénicas foi, em parte, limpo das areias pliocénicas e quaternárias, quase sempre vermelhas, que o fossilizavam, ou a severa grandeza da Ponta de Sagres e do Cabo de S. Vicente.

Mas os aspectos da costa não justificam por si só a eleição turística do Algarve. Outros factores se conjugam, entre os quais se salientam os climáticos. Pela sua exposição, face ao sul, e pela protecção da dorsal montanhosa no sentido oeste-leste, formada pelas Serras do Caldeirão e de Monchique, o Algarve constitui um retalho mediterrâneo à beira do oceano, caracterizado pela pequena quantidade de precipitação anual (Cabo de S. Vicente 400,5 mm, Lagos 461,4 mm, Praia da Rocha 420,2 mm, Albufeira 359,2 mm, Faro 423,4 mm, Tavira 508,4 mm e Vila Real de Santo António 413,7 mm), pela forte insolação e pela temperatura relativamente alta do ar, mas suavizada durante o Verão pelas brisas marítimas. Lagos e Tavira figuram como as regiões do litoral mais pluviosas e representam como que um prolongamento até ao mar dos valores máximos das serras, o que se explica pela posição próxima de relevos importantes ⁽²²⁾. Embora por todo o litoral do Algarve o Verão seja longo e seco, traduzido pelos gráficos pluviométricos (fig. 2), a variação no tempo é grande, como mostram os valores máximos e mínimos registados no período de 1921-1950, sem que jamais a precipitação do Verão pareça susceptível de impedir a vida balnear. Também durante muitos Invernos a estadia junto ao mar é agradável. Recorde-se a probabilidade de a chuva mensal ser inferior a 50 mm, a qual nos indica até que ponto se poderá contar com tempo conveniente: salienta-se Albufeira, pelas condições do Outono e do Inverno. Em todas as estações meteorológicas se distingue um período chuvoso, de 5 meses,

⁽²²⁾ FERNANDO REIS CUNHA, *O Clima do Algarve*, Lisboa, 1957, tese policopiada, apresentada no Instituto Superior de Agronomia, e da qual utilizamos muitos dados climáticos. Trata-se dum estudo exaustivo e excelente que deverá estar presente em todo o ensaio de compreensão dos problemas físicos e humanos da geografia da província.

Pluviosidade em mm (1921-1950)

	Cabo de S. Vicente		Lagos		Praia da Rocha		Albufeira		Faro		Tavira		Vila Real de Santo António	
	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.
Janeiro	179,2	2,1	293,0	0,8	245,0	0,7	194,8	4,3	261,0	0,0	234,8	0,0	151,3	0,5
Fevereiro	163,5	7,4	211,8	0,0	163,0	0,8	109,5	0,0	149,7	0,0	225,6	0,4	146,0	1,5
Março	146,3	2,2	207,2	0,0	181,0	21,0	159,8	11,8	141,2	0,0	148,8	12,9	143,7	2,3
Abril	115,9	1,3	201,0	0,0	104,0	0,0	104,6	2,2	110,5	0,0	116,7	8,2	135,4	0,0
Maio	107,4	0,4	128,1	0,0	137,2	1,6	75,3	0,0	74,4	0,0	107,4	0,8	81,3	0,3
Junho	33,6	0,0	48,8	0,0	58,0	0,0	45,5	0,0	28,0	0,0	40,8	0,0	69,4	0,0
Julho	22,0	0,0	35,4	0,0	44,0	0,0	10,7	0,0	3,9	0,0	9,9	0,0	6,2	0,0
Agosto	3,0	0,0	68,8	0,0	8,8	0,0	4,7	0,0	8,0	0,0	2,3	0,0	10,3	0,0
Setembro	101,0	0,0	73,6	0,0	72,6	0,0	103,5	0,0	126,0	0,0	149,0	0,0	98,1	0,0
Outubro	133,1	0,2	172,3	0,0	156,0	0,6	114,9	0,0	242,7	0,0	310,9	0,0	155,0	0,0
Novembro	125,0	3,8	174,8	0,0	152,0	0,0	127,9	5,0	181,0	0,0	155,1	12,6	131,1	1,0
Dezembro	168,9	0,3	260,6	0,0	169,0	0,0	206,7	3,3	180,9	0,0	237,8	4,8	265,4	0,0

que vai de Novembro a Março, um trimestre árido compreendendo Junho, Julho e Agosto, e dois períodos de transição. A primeira quinzena de Setembro prolonga, no geral, as condições atmosféricas do Verão, tal como a segunda quinzena de Maio. Se considerarmos as percentagens de precipitação anual correspondentes a estes períodos, uma vez mais a superioridade turística do clima de Albufeira se afirma, superioridade que é bem marcada em Setembro e Outubro. Albufeira é aliás seguida por Lagos, mas devemos ter presente que enquanto a chuva média anual de Lagos é de 461,4 mm, a de Albufeira não ultrapassa os 360 mm. Atendamos ainda ao número médio de dias com precipitação superior a 0,1 mm e a 10 mm, bem como ao número máximo de dias de chuva e ao número médio de dias com precipitação em Abril e Maio e em Setembro e Outubro. Continua a salientar-se o clima de Albufeira, permitindo uma temporada balnear precoce e mais prolongada.

Percentagem de probabilidade da precipitação mensal ser inferior a 50 mm

	Cabo de S. Vicente	Lagos	Praia da Rocha	Albufeira	Faro	Tavira	Vila Real de Santo António
Janeiro	44	48	53	59	53	36	50
Fevereiro	68	58	53	71	57	52	62
Março	58	50	50	53	48	36	44
Abril	70	72	76	83	60	68	78
Maio	89	88	87	82	92	88	85
Junho	100	100	97	100	98	100	96
Julho	100	100	100	100	100	100	100
Agosto	100	98	100	100	100	100	100
Setembro	93	93	89	94	88	88	95
Outubro	58	69	66	78	69	63	70
Novembro	38	40	45	61	45	28	37
Dezembro	58	36	47	72	57	44	63

A análise dos outros elementos do clima confirma estas afirmações. Na fig. 2 estão desenhadas também as curvas da evolução anual da temperatura. Infelizmente, não dispomos

Número médio de dias com precipitação

	Cabo de S. Vicente		Lagos		Praia da Rocha		Albufeira		Faro		Tavira		Vila Real de Santo António	
	> 0,1 mm		> 0,1 mm		> 0,1 mm		> 0,1 mm		> 0,1 mm		> 0,1 mm		> 0,1 mm	
	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm	> 10 mm
Janeiro	12,0	2,0	10,3	2,0	1,2	1,7	7,6	1,8	8,3	1,9	9,7	2,6	9,8	2,4
Fevereiro	9,4	1,5	8,8	2,0	8,2	1,8	6,5	1,2	7,7	1,7	7,6	2,2	7,3	1,7
Março	11,1	1,0	10,8	1,8	10,4	1,7	7,9	1,8	9,1	2,2	10,6	2,7	10,8	2,6
Abril	8,6	1,0	7,5	1,2	7,5	1,0	4,9	0,7	6,3	1,0	8,2	1,5	7,6	1,2
Maio	6,5	0,9	5,4	0,5	5,8	0,5	4,4	0,7	4,3	0,4	5,9	0,7	5,4	0,7
Junho	3,3	0,1	1,8	0,1	2,0	0,1	0,8	0,2	1,1	0,3	2,3	0,2	2,6	0,3
Julho	2,3	0,0	0,6	0,0	0,6	0,0	0,2	0,0	0,4	0,0	0,6	0,0	0,6	0,0
Agosto	2,1	0,0	0,2	0,0	0,3	0,0	0,1	0,0	0,3	0,0	0,3	0,0	0,1	0,0
Setembro	5,3	0,5	2,4	0,6	3,2	0,7	2,1	0,4	2,7	0,7	3,3	0,6	3,1	0,7
Outubro	8,4	1,1	6,6	1,4	7,2	1,5	4,5	0,8	6,1	1,7	6,4	1,8	6,5	1,5
Novembro	10,8	1,6	9,4	2,4	9,1	2,1	6,2	1,3	7,9	2,4	8,1	2,2	8,3	2,1
Dezembro	11,3	1,2	10,1	2,4	9,9	2,1	6,6	1,2	8,5	2,0	9,7	2,3	8,8	1,9

Percentagem da pluviosidade anual

	Cabo de S. Vicente	Lagos	Praia da Rocha	Albufeira	Faro	Tavira	Vila Real de Santo António
De Novembro a Março, incluídos	67,8	72,0	67,7	70,4	69,4	68,7	67,5
Trimestre árido Setembro e Outubro	15,2	13,6	14,5	14,3	12,4	14,4	15,2
	1,9	1,8	2,3	2,3	2,0	2,2	2,3
	15,1	12,6	15,6	13,0	16,2	14,7	15,0

Número máximo de dias com precipitação

	Cabo de S. Vicente	Lagos	Praia da Rocha	Albufeira	Faro	Tavira	Vila Real de Santo António
Janeiro	22	22	22	15	21	21	20
Fevereiro	23	25	24	16	24	22	19
Março	24	23	20	17	17	18	24
Abril	18	21	14	10	13	14	15
Maio	12	18	18	11	14	18	13
Junho	8	5	7	6	6	9	15
Julho	9	3	5	2	3	3	5
Agosto	8	2	2	2	2	3	10
Setembro	15	8	9	9	10	15	12
Outubro	17	15	14	13	14	15	16
Novembro	19	16	17	11	16	15	16
Dezembro	19	20	24	12	19	16	17

Número médio de dias com precipitação

	Cabo de S. Vicente	Lagos	Praia da Rocha	Albufeira	Faro	Tavira	Vila Real de Santo António
Abril e Maio	15,1	17,1	13,3	9,3	10,6	14,1	13,0
Setembro e Outubro	9,7	9,0	10,4	6,6	8,8	9,7	9,6

de dados para Albufeira referentes ao mesmo período ⁽²³⁾, mas devemos não esquecer a sua situação entre a Praia da Rocha e Faro. A temperatura média anual é de 15,9° no Cabo de S. Vicente, 17° em Lagos, 16,2° na Praia da Rocha, 17° em Faro, 17,3° em Tavira e 16,4° em Vila Real de Santo António. No Cabo de S. Vicente aquele valor explica-se pela influência reguladora do oceano, que reduz a amplitude média anual a 6,4°; em Vila Real fazem-se sentir, durante o Inverno, ventos continentais frios, canalizados pelo vale do Guadiana, que elevam a amplitude anual a 13,3°. Na mesma figura desenhámos a rosa-dos-ventos do mês de Julho. O Barlavento é batido por ventos frescos do norte e noroeste, com rajadas fortes, principalmente à tarde — *nortadas* —, ventos que todavia não prejudicam a vida balnear, pois, pelas arribas altas que protegem as pequenas praias, é sempre fácil encontrar um recanto abrigado; apenas a água do mar arrefece um pouco, o que para muitos banhistas é preferível. No Sotavento predominam as brisas, soprando de dia do sudoeste e ao fim da tarde do norte. São ventos no geral fracos, mas, dado que as praias são desabrigadas, podem tornar a estadia sobre a areia bastante desagradável.

A nebulosidade é fraca por todo o Algarve e o nevoeiro excepcional: no Cabo de S. Vicente registam-se, em média, 28,2 dias de nevoeiro por ano, em Lagos 2,6, na Praia da Rocha 11,0, em Albufeira 3,8, em Faro 8,4, em Tavira 2,1 e em Vila Real 10,0.

O conhecimento dos aspectos climáticos do Algarve mostra que, na verdade, este reúne condições óptimas para a vida balnear, permitindo uma longa estação, de Abril a Novembro, de modo a tornar menos sensíveis as flutuações do movimento de turistas e a facilitar a exploração das actividades a ele ligadas. Durante o período de Novembro a Abril as situações atmosféricas não são más, mas a sua irregularidade explica, pelo menos em parte, os gráficos da

⁽²³⁾ Entre 1935-1949, as temperaturas médias mensais de Albufeira foram superiores a 18° entre Março e Outubro — Maio, 18,5°; Junho, 23,1°; Julho, 25,7°; Agosto, 25,9°; Setembro, 23,7° e Outubro, 19,9°. A média anual foi de 18,3°, também superior à das outras praias algarvias. Ver *O Clima de Portugal*, fasc. VII, Baixo Alentejo e Algarve, Serviço Meteorológico Nacional, Lisboa, 1952.

Número de dias com nevoeiro

	Cabo de S. Vicente	Lagos	Praia da Rocha	Albufeira	Faro	Tavira	Vila Real de Santo António
Janeiro	0,4	0,4	1,4	0,5	1,0	0,3	1,3
Fevereiro	0,9	0,2	0,7	0,3	1,0	0,3	1,1
Março	0,8	0,1	1,0	0,2	0,9	0,3	1,5
Abril	0,6	0,0	0,4	0,1	0,7	0,0	0,3
Maio	1,0	0,0	0,3	0,1	0,6	0,1	0,1
Junho	2,0	0,1	0,6	0,0	0,9	0,0	0,3
Julho	4,9	0,1	0,6	0,5	0,8	0,1	0,2
Agosto	7,9	0,3	0,7	0,6	0,4	0,1	0,2
Setembro	5,9	0,4	1,4	0,6	0,9	0,1	0,4
Outubro	1,5	0,3	1,0	0,3	0,5	0,2	0,8
Novembro	1,4	0,3	1,0	0,3	0,6	0,2	1,5
Dezembro	0,9	0,4	1,9	0,3	0,1	0,4	2,3
Junho, Julho e Agosto.	14,8	0,4	1,9	1,1	1,1	0,2	0,7

evolução anual do número de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros (fig. 5): por toda a costa, embora menos marcadamente em Faro (aeroporto e actividades comerciais e de recreio ligadas ao prestígio de capital distrital), se notam importantes diferenças nas taxas de ocupação, com dois mínimos em Novembro e Janeiro (fig. 7).

Evolução da procura e da capacidade de recepção. — No surto do turismo no Algarve impressiona o crescimento rápido da procura estrangeira a partir de 1962, salientando-se, entre 1962 e 1965, o comportamento muito dinâmico da clientela inglesa, mais lento depois, mas compensado pela concomitante explosão da alemã (fig. 3). Muitas outras nacionalidades estão também representadas: estado-unidense, francesa, suíça, canadiana, belga (fig. 4). Os alemães predominam no Barlavento (Lagos, Portimão, Sagres), mas igualmente frequentam Monte Gordo. Os ingleses concentram-se em Albufeira, Faro e Monte Gordo. Aliás, a diferenciação regional da clientela, analisada para 1967, evoluciona por toda a parte a favor da alemã, acompanhando o seu surto global. Como as diferentes nacionalidades têm comportamentos diversos, a hotelaria

conta com clientes durante quase todo o ano: os americanos formam dois máximos (Abril e Outubro), assim como os alemães (Maio e Setembro) e os ingleses (Junho e Setembro); os franceses formam apenas um máximo em Agosto, antecedido dum importante fluxo no mês de Julho; os suíços distribuem-se quase uniformemente. Interesses de exploração

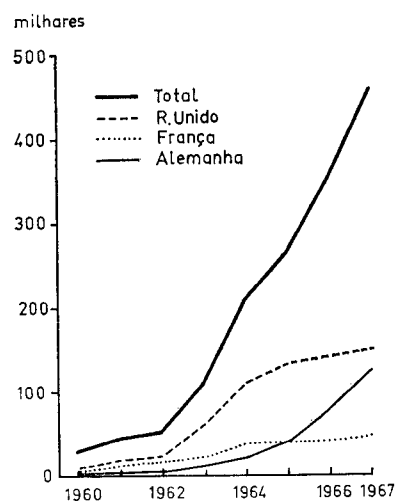


Fig. 3 — Evolução recente do número de dormidas de estrangeiros na hotelaria do distrito de Faro.

do sector aconselham a promover a captação da clientela capaz de ocupar os alojamentos em épocas diferentes das escolhidas pelos franceses e nacionais ⁽²⁴⁾, logo, de gente das terras nórdicas, sensível às temperaturas ardentes do Estio algarvio.

Paralelamente à evolução da procura surgiu a da capacidade de recepção. Em 1962, o distrito de Faro possuía apenas 57 estabelecimentos hoteleiros (7 hotéis, dos quais 5 de 1.^a classe, 6 pousadas e estalagens e 44 pensões), número que se eleva a 98 em 1967 (21 hotéis, sendo 14 de 1.^a classe, 13 pousadas e esta-

lagens e 62 pensões). A capacidade de alojamento ⁽²⁵⁾ passou, entretanto, de 2459 camas (687 em hotéis e 1504 em pensões) para 6039 (3085 em hotéis, das quais 1967 nos de 1.^a classe, 750 em pousadas e estalagens e 2204 em pensões). O acréscimo seguiu um ritmo rápido, mas muito mais substancial para os hotéis de 1.^a classe e estalagens, de acordo com

⁽²⁴⁾ Quanto ao turismo interno, a evolução do número de dormidas em hotéis e pensões é pouco significativa da sua atracção pelo Algarve, na medida em que a maior parte procura formas de alojamento mais acessíveis economicamente — vivendas, pequenos apartamentos, quartos em casas particulares, parques de campismo ou colónias de férias —, nem sempre situadas à beira-mar.

⁽²⁵⁾ Expressa em número de camas existentes, sendo as camas de casal contadas duas vezes. *Anuário Estatístico*, vol. I, I. N. E., 1967.

as preferências da clientela estrangeira, de classe social abastada, pela selecção espontânea que a posição marginal do Algarve introduz através do custo dos transportes. A distribuição faz-se por quase todo o litoral (fig. 6).

Os estabelecimentos hoteleiros empregavam, em 1967, 2570 pessoas activas, sendo 1776 em hotéis (500 em hotéis de luxo, 1158 em hotéis de 1.^a classe e 118 em hotéis de 2.^a classe), 257 em estalagens, 52 em pousadas e 485 em pensões (204 em pensões de 1.^a classe).

Quais as incidências económicas, sociais, urbanas e até rurais deste desenvolvimento? Tentaremos reconhecer alguns dos seus aspectos através da análise concreta da dinâmica do crescimento turístico de Albufeira e região vizinha.

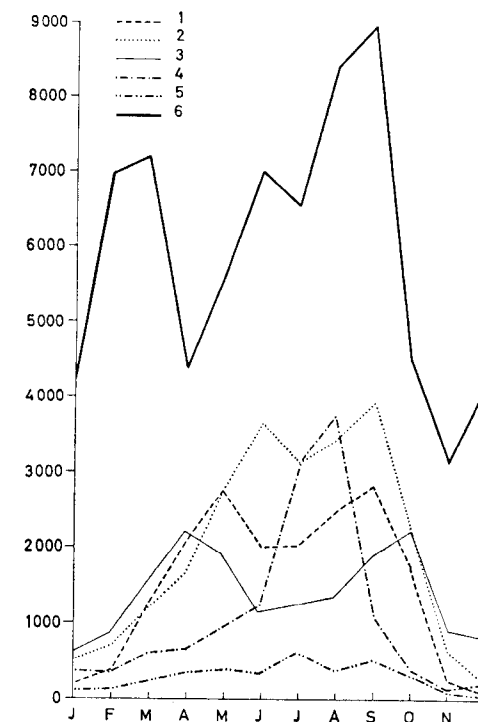


Fig. 4 — Variação estacional do número de dormidas na hotelaria do distrito de Faro, em 1967, segundo as principais nacionalidades: 1 — Alemanha; 2 — Reino Unido; 3 — Estados Unidos; 4 — França; 5 — Suíça; 6 — Portugal.

Concelhos	Número de camas — Total	Em hotéis		Em estalagens	Em pensões
		Total	De luxo ou de 1. ^a classe		
Albufeira	419	170	170	115	134
Faro	1 015	529	469	56	450
Lagos	671	432	350	28	211
Portimão	1 711	905	768	303	503
Silves	388	117	117	86	185
Vila Real de Santo António.	861	748	694	0	113

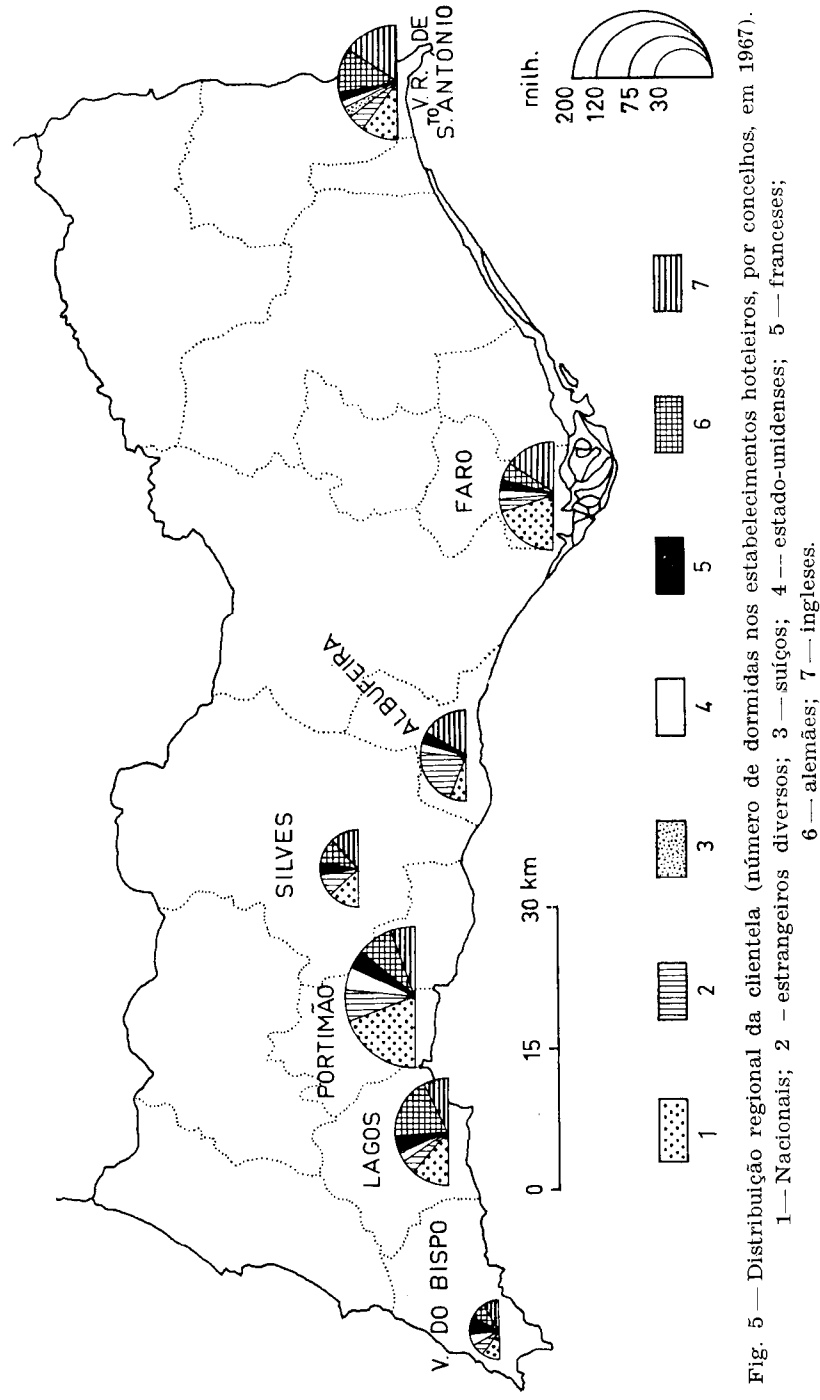


Fig. 5 — Distribuição regional da clientela (número de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, por concelhos, em 1967).

1 — Nacionais; 2 — estrangeiros diversos; 3 — suíços; 4 — estado-unidenses; 5 — franceses;

6 — alemães; 7 — ingleses.

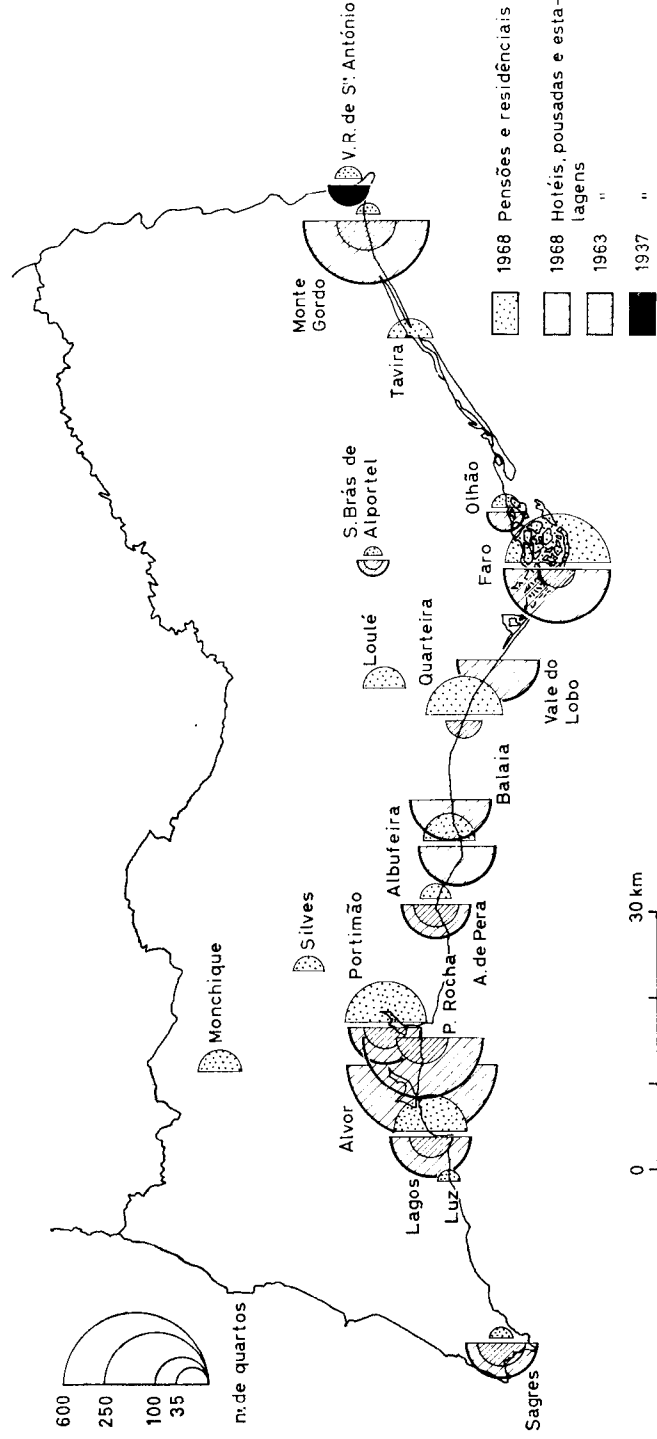


Fig. 6 — Evolução da capacidade de recepção hoteleira, por lugares.

ALBUFEIRA — DA AGLOMERAÇÃO TRADICIONAL DE PESCADORES
À VILA COSMOPOLITA DE HOJE

Actividades antigas. — Albufeira é uma velha aglomeração, alcandorada sobre uma colina que o oceano, o ribeiro e uma lagoa ⁽²⁶⁾ contornavam, segundo arribas e encostas escarpadas, e apenas ligada frágilmente à terra firme a poente, através dum arco deixado pela carsificação ⁽²⁷⁾. Sítio de defesa fácil (fig. 8), com boa posição estratégica para a vigilância da costa e da penetração pelo interior, não admira que tivesse sido precocemente povoado e fortificado. Protegida pelo castelo, a povoação permaneceu sob o domínio dos Mouros até 1250, data em que foi conquistada por D. Afonso III e entregue à Ordem de Avis. Mais tarde, em 1505, D. Manuel doou ao duque de Coimbra, então Mestre daquela Ordem, a dízima velha dos atuns e mais peixe pescado nas armações do termo ⁽²⁸⁾. Frei João de S. José, que escreveu em 1577 ⁽²⁹⁾, considera-a como uma vila moderna, com cerca de 600 vizinhos, povoada de pescadores e lavradores; salienta também a sua função de porto de exportação de produtos da terra, em particular figos, pois os campos vizinhos eram ricos em figueiras. Os barcos de pesca e de cabotagem contornavam a colina do Castelo, abrigando-se na «Meia-Laranja», mas o assoreamento da foz do ribeiro e o da lagoa ameaçavam já o movimento portuário.

Mais de um século depois, Albufeira mantinha estas funções ⁽³⁰⁾. A população, contudo, estagnara e a aglomeração ficava ainda dentro duma muralha que circundava o sítio da

⁽²⁶⁾ Hoje Avenida da República, Largo do Eng.º Duarte Pacheco, também chamado «Meia-Laranja», e Avenida de Eduardo Rios.

⁽²⁷⁾ Este arco foi aproveitado para a construção do túnel que, no prolongamento da Rua de 5 de Outubro, dá acesso directo à praia de banhos.

⁽²⁸⁾ Referido por ADOLFO LOUREIRO em *Os Portos Marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*, Lisboa, 1904-1920.

⁽²⁹⁾ Frei JOÃO DE S. JOSÉ, *Corografia do Reino do Algarve*, inédito na Biblioteca Nacional de Lisboa.

⁽³⁰⁾ Padre ANTÔNIO CARVALHO DA COSTA, *Corografia Portuguesa, e Descrição Topographica do Famoso Reyno de Portugal*, Lisboa, 1706 a 1712.

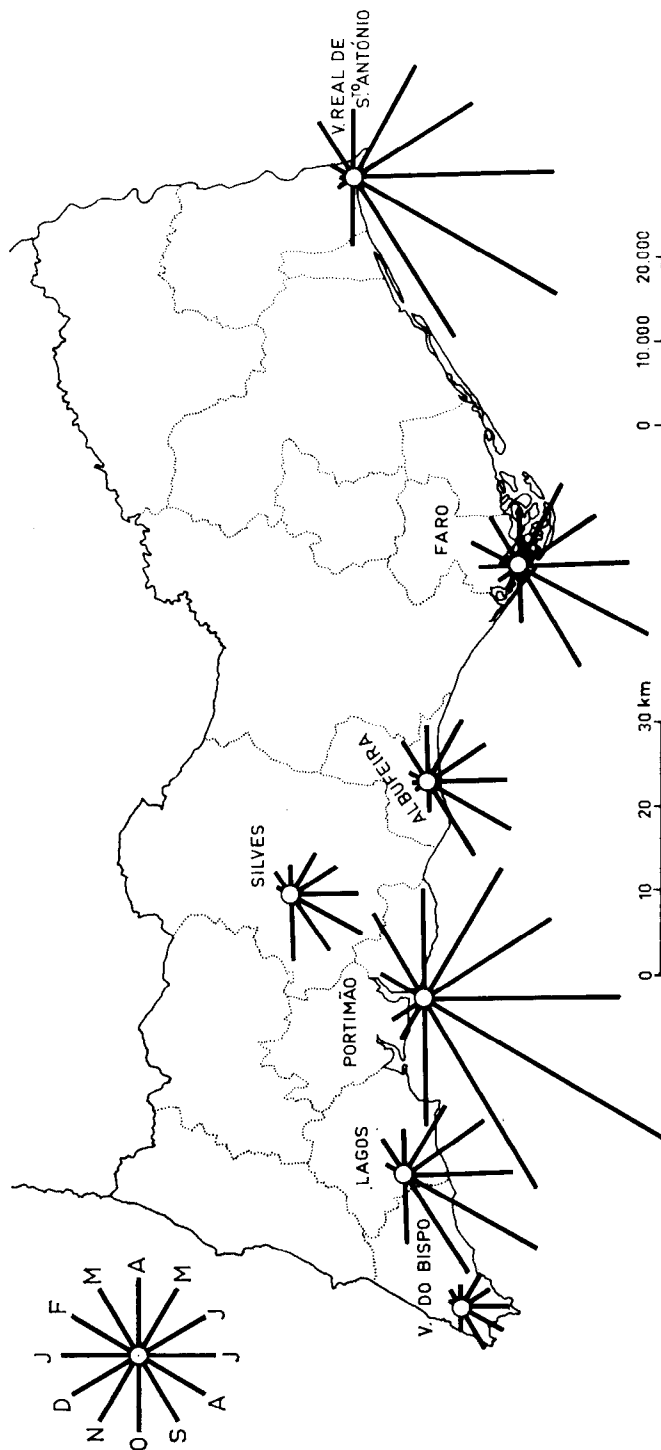


Fig. 7 — Flutuação estacional da clientela. Número de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, por concelhos (1967).

actual vila velha (est. I e II). Todavia, o centro, correspondendo primeiramente às ruas da Igreja Velha, onde se situara até 1755 a Matriz, e do Cemitério Velho e ao edifício da Colegiada da Ordem de Avis, deslocara-se para oeste (fig. 11). A aglomeração crescera nessa direcção, a do mais fácil contacto com o interior, e o centro principal situava-se junto da actual Praça da República, onde hoje se localizam a Câmara, a cadeia e a Misericórdia, antiga capela do alcaide-mor do Castelo. Do lado nascente, a colina mantivera-se desocupada até mais tarde, o que aliás é natural, pois o porto era interior; a chamada Rua Nova contrasta com as outras, do núcleo alcandorado, pela largura, pela fisionomia mais jovem das construções e pela estrutura da propriedade urbana, mais homogénea e geométrica. A muralha abria por três portas: a de Santana, que conduzia à actual praia dos pescadores; a do Norte, aliás também chamada da Praia, na extremidade da Rua do Cemitério Velho; a da Praça, que abria o centro da vila ao Rossio e à Rua Direita. Esta, através duma ponte sobre o ribeiro, ligava-a a Faro, pela antiga estrada, a actual «estrada de baixo», que passa pela Ponte do Barão e a Quinta de Quarteira. A actividade fundamental continuava a ser a pesca, realizada com artes de arrastar do tipo xávega, pois até 300 braças da costa os fundos são de areia. Nos campos vizinhos dispersava-se uma população que praticava a agricultura — baseada em cereais, figos e vinho — e a criação de gado miúdo apascentado nos retalhos do Barrocal — afloramentos calcários dos cerros que emergem a ocidente (Cerro do Loureiro, fig. 8).

O terramoto de 1755 destruiu quase por completo a aglomeração, e esta imagem dos princípios do século XVIII desapareceu. Ruíram pelos alicerces quase todas as casas; apenas 27 ficaram de pé, mas muito estragadas ⁽³¹⁾. Todo o arrabalde de Santana, extramuros, vizinho da actual Praça do Peixe, e constituído por sete ruas, foi destruído pelo terramoto e pelo maremoto. A população diminuiu 227 pessoas, que morreram ⁽³²⁾. Não admira, portanto, que nos fins do mesmo

⁽³¹⁾ Memórias Paroquiais de 1758.

⁽³²⁾ JOÃO BAPTISTA DA SILVA LOPES, *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*, Lisboa, 1841.

século a economia de Albufeira estivesse bastante anémica e a vila reduzida a uma modesta aldeia; a pesca vivia decadente, a frota pesqueira compreendia 2 levadas e 4 xávegas, a população piscatória não ultrapassava 50 pescadores, e o peixe pescado, essencialmente sardinha, era consumido fresco, no povoado e arredores, sem que qualquer indústria de salga ou seca alimentasse um comércio distante e rendoso ⁽³³⁾. Na Primavera todos deixavam estas modestas artes e procuravam trabalho nas armações de atum de Armação de Pêra e de Quarteira. Também o movimento comercial do porto parecia insignificante: 3 barcos asseguravam o carregamento de amêndoas, figos e alfarrobas dos iates que ancoravam na baía. Aliás, o fluxo e refluxo do mar, quando do maremoto, removendo aluviões e areias, fez piorar as condições de acesso ao porto interior. Os barcos de cabotagem, que traziam madeira do Norte do País e levavam figos, deixaram de penetrar para além dos lugares assinalados actualmente pela Concentradora e Hotel Baltum.

Em 1839, SILVA LOPES fala da «Villa a dentro», no sentido da parte da vila situada dentro dos restos da muralha. A aglomeração começara a expandir-se para além da colina genética, expansão que segue as vias de comunicação: Rua Direita, com uma casa brasonada, Rua dos Arcos, grosseiramente paralela a esta, Rua das Violas e Rua dos Telheiros, localizando-se as duas últimas do outro lado da antiga lagoa (fig. 11). A oeste, a expansão fora limitada pela existência duma propriedade nobre, doada posteriormente à Santa Casa da Misericórdia. A frente urbana avançara apenas até ao actual Largo de Jacinto d'Ayet, onde se erguem mais dois edifícios brasonados. Entre aquele e a Rua Direita construíram-se todas as novas igrejas: a de S. Sebastião (1741), a de Santana, antes extramuros, junto da porta do mesmo nome, e a Matriz. A toponímia das ruas vizinhas testemunha o seu traçado posterior: Rua dos Sinos, Rua da Igreja Nova, Travessa da Igreja Nova. Também aqui surgiu, depois, um segundo centro administrativo: Tribunal, na rua do mesmo nome,

⁽³³⁾ C. BOTELHO DE LACERDA LOBO, «Memórias sobre o Estado das Pescarias da Costa do Algarve no Ano de 1790», *Memórias Económicas da Academia das Ciências*, t. V, pp. 94-137.

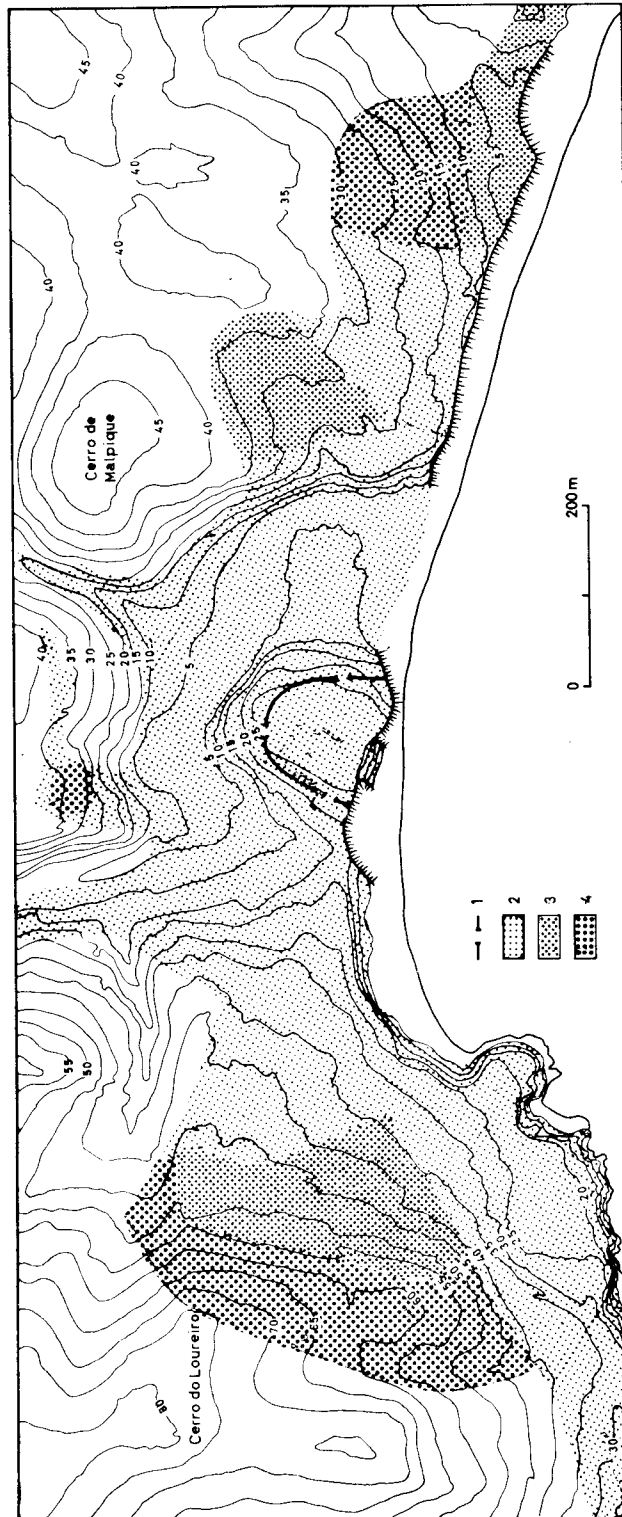


Fig. 8 — O sítio de Albufeira. Fases do crescimento urbano: 1 — Traçado aproximado da antiga muralha; 2 — superfície urbanizada até 1930; 3 — expansão entre 1940 e 1960; 4 — áreas construídas depois de 1960.

Repartição de Finanças, subdelegação da Junta Nacional de Frutas, Conservatória do Registo Civil.

As pescarias permaneciam «de pouca monta»: apenas 3 artes, cujas redes eram arrastadas para a praia ao «pé da Vila»; todo o pescado continuava a ser consumido fresco, localmente ou nas freguesias vizinhas, levado por almocreves; no Verão, os pescadores ocupavam-se nas armações de Lagos e de Faro; utilizavam ainda o anzol e os covãos. Albufeira parece-nos ter então afirmado a sua função regional: mercado aos domingos, uma feira de três dias em Fevereiro e uma outra a 15 de Agosto. Por todo o concelho as actividades agrícolas eram importantes: abundavam cereais, figos, amêndoas, alfarrobas, vinho, madeira de pinho do pinhal do concelho, hortaliças, frutas. Juntavam-se o fabrico de ladrilho e de telha, como indica a Rua dos Telheiros, as obras de figo, «matizadas de diversas cores do mesmo figo», e as de «empreita», ou seja, seiras e golpelhas de palma, que foram substituídas pelas sacas e caixas usadas hoje na exportação de amêndoas e figos. Predominavam as actividades de terra, ocupando muitos homens e mulheres, indiferentes ao mar vizinho.

Surto da pesca e da indústria de conservas. — Na segunda metade do século XIX registou-se um desenvolvimento considerável da actividade piscatória em todo o Algarve, por iniciativa de gregos, alemães, genoveses, franceses, catalães e andaluzes, que montaram as primeiras fábricas de conservas de peixe em azeite. Albufeira seguiu a evolução, embora a um ritmo mais lento e com certo atraso em relação a Lagos, Portimão, Olhão ou Vila Real de Santo António. BALDAQUE DA SILVA ⁽³⁴⁾ aponta 24 barcos de pesca, que empregavam 120 pescadores, cinco artes de arrastar, duas armações na Oura, uma de atum e outra de sardinha, lançadas alternadamente (7 barcos e 45 pescadores) e uma outra de sardinha, com arraial nos Olhos de Água (7 barcos e 40 pescadores). Quarteira, na mesma altura, tinha 2 armações de atum (a de Valongo, a oeste da povoação, e a do Forte Novo, a

⁽³⁴⁾ A. BALDAQUE DA SILVA, *Estado Actual das Pescarias em Portugal*, Lisboa, 1891.

leste), 2 de sardinha e um grande número de artes de arrastar, que, no conjunto, empregavam cerca de 280 pescadores; Armação de Pêra, também chamada Pêra de Baixo, tinha 4 artes de arrastar, 19 barcos de pesca, uma armação de atum (na Pedra da Galé) e uma fábrica de conservas. Albufeira, a vila prestigiosa que merecera foral de D. Manuel em 1504, era pois igualada e até ultrapassada pelos povoados vizinhos, surgidos como simples ajuntamentos de cabanas de pescadores, perto dos arraiais das armações, mas desde os fins do século XVIII animados pelas actividades de conserva, pelo sal, e de comércio de peixe. Em Armação de Pêra tratava-se o atum à maneira de Lagos e exportava-se a produção para o Alentejo, Lisboa e Catalunha. Em Quarteira organizara-se um mercado activo onde convergiam muitos almocreves, que, depois de salgarem as sardinhas, as iam vender em Loulé, aldeias vizinhas e até mesmo no Alentejo.

Mas este atraso iria ser compensado. Em 1909, Albufeira centrava quase toda a sua actividade no mar: 343 embarcações e 1858 pescadores ⁽³⁵⁾. Tinham sido criadas 2 fábricas de conservas de peixe, que em 1908 trabalharam cerca de 160 toneladas e empregaram 230 operários. Paralelamente, o movimento portuário animara-se: através de Albufeira continuava a exportação de figos, amêndoas e alfarrobas, e agora também a de peixe com destino a Espanha, trazendo os barcos na vinda palma e azeite. Entre 1900 e 1908 frequentaram o porto, em média, 27 navios a vapor e 12 navios à vela ⁽³⁶⁾. Aliás, 1908 marca um surto considerável da pesca: o imposto de pescado, que fora de 1563\$598 réis em 1904, de 1630\$000 réis em 1905 e de 2421\$068 réis em 1907, alcançou naquele ano 7406\$871 réis. O crescimento continuou acelerado até ao período áureo —1922-1924—, quando as sardinhas e as conservas atingiram preços fabulosos. A vila tinha nesta altura 5 fábricas: a do Ramirez, com sede em Vila Real e estabelecimentos dum e doutro lado do ribeiro, ligados por uma ponte de madeira, e hoje ocupados pela Albuera e Concentradora, companhias de comércio de frutos secos;

⁽³⁵⁾ Xávegas: 9 embarcações e 54 pescadores; 1 armação de atum, com 270 pescadores, e várias de sardinha, com 950 pescadores.

⁽³⁶⁾ ADOLFO LOUREIRO, *ob. cit.*

a dos Salles, também com sede em Vila Real, erguia-se no sítio da actual F. N. A. T.; a do Brito, a oeste desta e abrangendo a área dos actuais pavilhões das Caixas de Previdência; o Fabrico, sociedade de famílias de soldados e compradores de peixe de Albufeira e de Pêra, instalada em construções situadas no lugar do actual edifício da Guarda Fiscal, na Avenida do Vale do Rio, e com armazéns ocupados hoje por duas *boîtes* (Clube Internacional e M. C. M., na Rua do Cais Herculano); a da Caveira, da C.^a Cruz, junto do cemitério (fig. 11). A fábrica Ramirez empregava cerca de 100 mulheres e 40 homens; Brito e Salles, cerca de 150 mulheres e 50 homens cada uma. No conjunto, podemos avaliar em 700 ou 800 o número de operários, quase todos de Albufeira, na maior parte mulheres de marítimos, embora algumas habitassem nos arrabaldes, em pleno campo.

A vila expandiu-se com zonas industriais, à beira-mar. Toda a foz do ribeiro foi ocupada, mas a falta de espaço levou a instalar fábricas sobre altas arribas, tendo sido necessário montar guindastes rudimentares para a descarga do peixe. Além da escassez de espaço, condicionada pela topografia, há a salientar a dificuldade de abastecimento de água, insuficiente até para o consumo doméstico. Nos princípios do século XIX era preciso ir buscá-la a um poço «a O da vila, no meio da várzea a que se desce por uma íngreme calcada» (?), e «a um outro de boa água, no sítio da Bolota, 1/8 de légua ao Norte, por péssimo caminho» ⁽³⁷⁾. Em 1925, Albufeira abastecia-se de água a partir de cisternas particulares, cujos eirados caiados, sobre as lajes calcárias, ainda hoje se observam nas encostas de noroeste. No Verão, a especulação era vergonhosa: \$50 a bilha de 10 l, ou seja cerca de 50\$ o metro cúbico ⁽³⁸⁾.

O dinamismo da actividade conserveira foi seguido pelo desenvolvimento da pesca. Em 1928 ⁽³⁹⁾, a frota pesqueira compreendia em actividade uma armação de sardinha, com copo à valenciana (33 pescadores), 3 cercos à americana

⁽³⁷⁾ SILVA LOPES, *ob. cit.*

⁽³⁸⁾ Há também uma grande cisterna, na extremidade da Rua da Bateria, no interior da «Ruína».

⁽³⁹⁾ *Estatística das Pescas Marítimas no Continente e Ilhas Adjacentes.*

(182 pescadores), 4 xávegas (13 pescadores), 56 sacadas (168 pescadores), 10 tresmalhos (20 pescadores), 225 linhas e covos (78 pescadores), 110 aparelhos de anzol (13 pescadores), 9 alcatruzes (42 pescadores). No total, cerca de 550 pescadores activos, dos quais 30 p. 100 trabalhavam nas sacadas. São ainda apontados seis lugares vagos de armações de sardinha: Castelo, Baleeira, Oura, Torre da Medronheira, Olhos-d'Água e Maria Luísa; e dois de armações de atum: Pedra da Galé e Olhos-d'Água. As primeiras pareciam pouco rendosas ao serem comparadas com os cercos, e as de atum de direito ⁽⁴⁰⁾ viviam em crise. 1928 marca já, por outro lado, o desaparecimento da euforia que a pesca despertara em 1922, 1923 e 1924, quando a sardinha se vendeu a 1000\$00 e mesmo a 1300\$00 o milheiro; cada sardinha valera então 1\$00, ou seja, meio quilo de pão. A armação da Maria Luísa vendeu 200 contos de peixe em 1924, 150 contos em 1927 e apenas 95 contos em 1928. Aliás, basta comparar a produção da pesca em 1928 e 1927 para confirmar a tendência da evolução: 70 t de carapaus contra 173 t em 1927 ⁽⁴¹⁾, 805 t de cavalas contra 1741 t, e 927 t de sardinha contra 1153 t ⁽⁴²⁾. Albufeira dominara bem o atraso que, algumas décadas antes, a separava de Quarteira: 176 embarcações à vela e 5 com motor contra 82 embarcações à vela, em 1928; 504 pescadores de maior idade contra 189; 2448 contos de pesca desembarcada contra 862 contos. Além disso, tentava modernizar as técnicas. A iniciativa partira dos industriais ou de indivíduos ligados à indústria. Dos galeões, o *Vencedor* foi introduzido, antes da primeira grande guerra, pela Companhia da fábrica do Brito, que, mais tarde, comprou também o *Senhora de Fátima*; o *Nossa Senhora da Orada* e o *Senhora do Amparo* foram adquiridos em Espanha, como a maioria dos cercos do Algarve, depois da guerra, por uma sociedade formada por empregados da casa Fialho, de Portimão. A frota local empregava toda a população piscatória de Albufeira, da

⁽⁴⁰⁾ Em migração para o golfo de Cádiz, nos meses de Maio e Junho, e aproximando-se da costa algarvia do Barlavento. O atum de revés era apanhado nas armações de Faro a Tavira.

⁽⁴¹⁾ 480 t como média dos anos de 1938-1942 e 110 t para os anos de 1961-1965.

⁽⁴²⁾ 100 t no período de 1938-1942 e 69 t no de 1961-1965.

qual uma parte saía temporariamente para as armações de atum do Cabo de Santa Maria e de Tavira, mas nunca para as de Espanha e Marrocos. Acompanhavam, aliás, os galeões que então trabalhavam naquelas, pois não era permitido armar os cercos durante a temporada do atum.

Este considerável surto da vida económica de Albufeira traduziu-se na evolução demográfica e no crescimento urbano (fig. 8 e 9). Com efeito, a população da freguesia era de 4792 habitantes em 1878, de 5784 em 1900, de 6846 em 1911, de 7420 em 1920 e de 7874 em 1930. O dinamismo económico, através da imigração, determinou o saldo demográfico de 1911-1920, de sentido contrário à evolução normal da população portuguesa. A vila alargou também os espaços construídos, alcançando em 1930 os limites de 1960, excepto no sector entre o Rego do Moinho, a Rua do

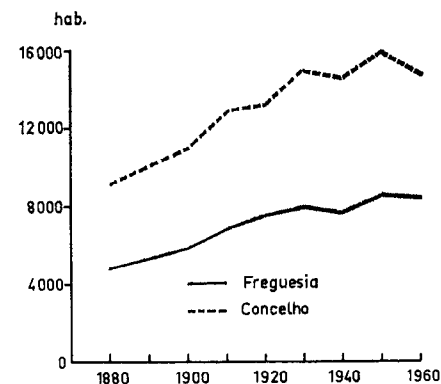


Fig. 9 — Evolução demográfica de Albufeira.

Coronel Águas e as escolas primárias, construídas em 1942 em antigos terrenos da Santa Casa da Misericórdia, comprados e loteados pela Câmara. Nestes se edificaram duas vivendas até 1950 e quatro de 1950 a 1960. Algumas outras foram também construídas a poente da Avenida do Ténis, para norte das mesmas escolas. Na encosta nascente, virada à Vila Velha, surgiu o bairro dos pescadores, entre 1952 e 1955. Na verdade, 1900-1930 foi um período activo de construção urbana: aparece o pequeno bairro junto das fábricas do Brito e dos Salles e expandem-se os conjuntos da Rua dos Telheiros e do sopé do Monte de Malpique. De 1920 a 1930 urbaniza-se todo o antigo Rossio, entre a Travessa do Coronel Águas, o matadouro e o cemitério. Estes terrenos pedregosos e pobres, arrendados anualmente em hasta pública, cultivados com ervilhas e favas que os ventos mareiros destruíam quase sempre antes da frutificação, pascigo de cabras e ovelhas e também lugar da feira da Orada, foram oferecidos para edificação de habi-

tações. E um novo bairro residencial — o das Covas de Barro, ou do Rossio —, construído de taipa, justapôs-se à aglomeração, ocupando o espaço plano que restava em bloco e que despertara antes o interesse das Casas Parodi e Fialho, para a instalação de fábricas de conservas de peixe (fig. 11) ⁽⁴³⁾.

Decadência de 1930 a 1960. — A crise económica dos anos 30 abriu feridas nunca cicatrizadas. As armações arruinaram-se, as fábricas de conservas, quase todas estabelecimentos secundários de companhias com sede noutros centros conserveiros mais importantes, fecharam e os galeões, sem porto de abrigo nem mercado, demandaram Portimão e Olhão, levando com eles os pescadores mais activos. Muitas casas foram abandonadas; quarteirões inteiros ficaram quase sem gente; diz-se que «a população da vila se reduziu a metade», restando apenas os pescadores idosos e algumas mulheres que faziam prosseguir a pesca artesanal para consumo imediato, o artesanato de palma e o trabalho das firmas de exportação de frutos, particularmente o fabrico de preparados de figo. Em 1930, a freguesia contava 7874 habitantes e em 1940 apenas 7635, tendo o aumento da população rural, ligado em parte ao desenvolvimento das culturas precoces de legumes, nas areias, a exportar pelo caminho de ferro para os mercados citadinos distantes, sido anulado pela emigração urbana. A vila, que concentrava 2913 habitantes em 1911, tinha 3043 em 1940 — aparente estagnação que esconde um grande surto verificado até 1930.

Entre 1938 e 1943, a produção média anual da pesca, em Albufeira, não ultrapassou 800 t. A sacada tornou-se a arte mais importante, seguida da toneira e do aparelho de anzol. No total de 534 pescadores matriculados em 1941, 444 trabalham nas sacadas (83 p. 100 contra 44 p. 100 em 1930), 45 com artes de anzol, 29 numa armação de sardinha, 10 com uma xávega e 6 com alcatruzes. O produto das sacadas representava 64 p. 100 do valor da pesca desembarcada, ou

⁽⁴³⁾ O facto reflecte, além de preocupações pessoais de afastamento da concorrência no mercado abastecedor de peixe às fábricas de conservas, a falta de habitações para uma população dinâmica sob o duplo aspecto, demográfico e económico.

seja, 658 contos dos 1015 contos. O ritmo de vida na vila decorria, aliás, em torno da actividade nas sacadas. RAQUEL DE BRITO descreve-nos, com entusiasmo, toda a azáfama que, por volta das 5 horas da tarde, num dia de Verão, animava a praia dos pescadores, enquanto estes preparavam a partida para o mar ⁽⁴⁴⁾. Mas a sorte das sacadas não foi duradoura. Em 1950, Albufeira contava apenas com 179 pescadores de sacada, trabalhando 30 numa armação de sardinha e 10 com aparelhos de anzol (total 231). A faina era dura: barcos à vela e a remos; noites passadas no mar, sobre os bancos dos barcos, no maior desconforto; colheita incerta, pois a luz dos *petromax* e os engodos nem sempre bastavam para atrair os cardumes, cada vez mais perseguidos pelas numerosas traineiras que percorriam a costa; a situação económica decorria sempre em luta com as dívidas ⁽⁴⁵⁾. Não admira que, em 1960, apenas empregassem 80 pescadores; neste ano, os lucros não foram muito baixos: 723 contos contra 763 contos das armações da Maria Luísa e dos Olhos-d'Água, que empregavam 74 pescadores, e 1005 contos para os 149 pescadores de anzol ⁽⁴⁶⁾.

As actividades da terra tornam-se então economicamente predominantes. Não que os pescadores se volvessem em jornalheiros agrícolas, o que aliás nunca sucede no Algarve, uma vez que o melhor período da pesca, pela passagem de cardumes e pelo bom tempo, corresponde à época mais activa dos campos. Nestes, de Março a Outubro, sucedem-se a apanha de ervilhas e favas, a ceifa e debulha, o varejo das amêndoas, alfarrobas e figos, a descasca das amêndoas, a escolha dos figos nos «almanxares» e nos fumeiros, a rega nas hortas, a colheita do milho e a sementeira do feijão. Mas Albufeira afirma, uma vez mais, o seu papel de centro e de bolsa do comércio e da exportação de figos, o qual vinha já dos princípios do século, e a que a última guerra deu, como a todas as indústrias alimentares, considerável impulso. Várias

⁽⁴⁴⁾ RAQUEL SOEIRO DE BRITO, «Um pequeno porto de pesca do Algarve. Albufeira». *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie*, Lisbonne, 1949, t. III.

⁽⁴⁵⁾ 341 contos, diminuídos de 16 p. 100 correspondentes aos impostos, e o restante dividido em 12 partes, das quais 8 foram distribuídas pelos 179 companheiros.

⁽⁴⁶⁾ O valor total da pesca desembarcada foi de 2495 contos.

firmas da vila organizavam este ramo de actividade: Nunes & Irmão, Fr. Correia Modesto, António Cravo, Cardoso (filial da União de Exportadores do Sul), Marques Pinto ... Actualmente, continuam a Albuera, constituída em 1952, e a Concentradora. As compras de figo abrangem todo o Algarve e as exportações fazem-se para os Estados Unidos da América (em pasta), Canadá (pasta e figos inteiros), Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha, Brasil, em seiras e mais modernamente em caixas de madeira, importadas de Espinho, ou de cartão, de Cacia, e ainda em pacotes de celofane. Entre 1958-1960, a Albuera empregava, na preparação do figo, cerca de 400 mulheres, que na maioria viviam na vila e eram casadas com pescadores. A amêndoa era também partida e escolhida em Albufeira, embora o comando da exportação do Algarve tenha sido polarizado por S. Bartolomeu de Messines. E figos, amêndoas (Inglaterra, Bélgica, Holanda, Suécia, Alemanha) e alfarrobas trituradas (Inglaterra e Bélgica) alimentavam um certo movimento portuário, hoje concentrado em Portimão e Lisboa.

Durante séculos de existência, Albufeira viveu do mar e para o mar. Até 1960, todos os surtos de expansão e progresso foram determinados pela fortuna da pesca, da indústria de conservas e do movimento do porto. Albufeira era um aglomerado de pescadores e de marítimos, com modesta função regional. Todo o comércio, modesto também e adaptado ao nível e padrão de vida da população, se desenvolvia ciclicamente, de acordo com os períodos de ganhos ou de miséria. E, uma vez fechadas as fábricas de conservas de peixe, restara apenas a preparação de figos a oferecer trabalho, na segunda metade do ano, à população feminina. Durante os outros meses, só as obras de empreita, actividade que iria igualmente desaparecer com o desuso das seiras e golpelhas, lhes permitiam alguns ganhos modestos.

A mutação contemporânea. — Situada marginalmente em relação aos grandes eixos de circulação que servem o Algarve e o integram no país, Albufeira, uma vez em crise — tanto no que diz respeito à actividade piscatória como à portuária —, fechava-se sobre si mesma e, afastada de centros dinâmicos, arrastara uma decadência progressivamente dramática. A vila

foi deixando de poder facultar modos de vida aos seus habitantes e era incapaz de reter os mais jovens, aos quais não oferecia formação; mesmo hoje, não há qualquer estabelecimento que ministre um ensino para além do primário. Entre 1950 e 1960, a aglomeração perdera população. O estímulo da segunda guerra mundial foi modesto nos centros piscatórios sem fábricas de conservas de peixe. A extracção de gesso, na praia da Baleeira, exportado em palhabetes para a Secil e a Sapec, apenas ocupava alguns marítimos que conduziam os batelões até junto daqueles, pois a mão-de-obra da mina (cerca de 60 homens) era constituída quase só por alentejanos. O comércio dos frutos secos, à semelhança do das conservas de peixe e de todos os produtos alimentares, intensificou-se, para lutar depois, nos últimos anos da guerra, com as dificuldades de transporte, os riscos das viagens nos navios e os condicionamentos da circulação internacional das divisas. As diversas firmas foram continuando em actividade, com altos e baixos, até desaparecerem com a morte dos fundadores. Os filhos destes, aproveitando a possibilidade que os pais lhes ofereceram de adquirir em Faro, Lisboa e Coimbra instrução e diplomas, orientaram-se para actividades verdadeiramente urbanas, do terciário superior. Únicamente a Albuera prosseguiu de forma contínua um esforço de mecanização, para conseguir melhorar a qualidade da produção, mas com uma mão-de-obra consequentemente reduzida: das 400 mulheres que empregava em 1958, restam apenas 200 e cerca de 30 a 40 homens.

Por outro lado, as artes de Albufeira retinham cada ano menos pescadores: 306 em 1960; 253 em 1965 ⁽⁴⁷⁾. Todavia, a vila continuava a ser uma aglomeração de pescadores, mas de pescadores ausentes. Muitos estavam matriculados nas traineiras de Portimão e Olhão, vindo apenas passar o fim-de-semana com a família. Outros integraram-se na centena de homens do mar da vila que, todos os anos, em Maio, desde 1960, seguem em camionetas contratadas por empresas de pesca de arenque de Bremen e Hamburgo, nas quais vão trabalhar, levando muitas vezes também as mulheres. Nas

⁽⁴⁷⁾ 59 nas armações, 38 nas sacadas, 52 no anzol e 101 em artes diversas.

fábricas de conserva alemãs ganham estas alguns marcos que juntam aos salários dos maridos. Migrações amplas de trabalho, que Albufeira não conhecera antes!

A fisionomia da vila traduzia aliás esta letargia (est. VII). No núcleo mais antigo, casas de taipa, mal cuidadas e meio em ruína, contornavam a rua que, em semicírculo grosseiro, segue a antiga muralha e os eixos diametrais, desenvolvidos no sentido norte-sul até à arriba. Ruas nem sempre calçadas, casas sem qualquer conforto nem instalações elementares de água, luz e esgotos, formando uma mancha compacta onde a circulação não podia penetrar. Apenas a Praça da República e o parapeito que protege do lado do mar a Rua da Bateria eram visitados pelos que procuravam a Câmara ou o Hospital e gostavam de contemplar, de um sítio alto, a praia, a baía, o oceano e o pôr do sol sobre as águas (est. V e VI).

O ribeiro, que de vez em quando ameaçara trágicamente com as suas cheias a parte baixa da vila, fora canalizado por dois túneis; o antigo leito, bem como a velha lagoa assoreada, donde a vila tirou o nome, foram urbanizados. O comércio centrava-se aí, pois era o lugar das feiras, do mercado e praça das camionetas que a ligam com o sítio das Ferreiras e a estação do caminho de ferro e, através deste, com todo o Algarve e Alentejo. Despreza-se assim, até certo ponto, a Rua Direita. Mas tratava-se de uma função comercial bem modesta, que se traduzia na existência de mercearias, padarias, um talho, pequenas lojas de tecidos e sapatos, drogarias, barbearias, dois cafés. Completavam esta reduzida diversidade algumas oficinas de albardeiros, ferradores, serralheiros, sapateiros e carpinteiros. A construção naval nunca foi activa e apenas um pequeno estabelecimento vendia artigos de pesca. Duas farmácias serviam a população, para a qual os melhores remédios eram os chás recomendados pelos vizinhos. O balanço do equipamento comercial antigo mostra como, apesar das suas funções administrativas, Albufeira não conseguia polarizar uma pequena região, a qual, atravessada pelas carreiras frequentes de camionetas e de automotoras, era solicitada por outros centros mais bem equipados — Loulé, Faro, Silves, Portimão. A dezena de mercearias anteriores a 1960 reflecte, por outro lado, a economia

familiar da população: gente do mar, sem terra nem produção caseira de alimentos, com excepção do peixe. O próprio mercado de hortaliças era importante e atraía os arrendatários dos «quartos» da Várzea de Quarteira que, a pé, de manhã cedo, se deslocavam desde a Maritenda até à Vila, trazendo batatas, couves, favas e outros produtos de horta. E todo este comércio acompanhava o ritmo da pesca, recebendo ou fiando conforme decorria esta. Apenas as tabernas, aliás numerosas junto da Praça e do Mercado do Peixe, tinham sempre gente, pescadores que as elegeram como lugares de reunião e de convívio. Aí discutiam ou lamentavam o peixe que não vinha até às armações ou que já não apreciava a luz dos *petromax* e os engodos e não caía nas redes das sacadas. E enquanto os das traineiras louvavam a sua superioridade técnica, os outros tornavam-nos responsáveis dos próprios insucessos e olhavam a Alemanha como a melhor promessa.

A *élite* de Albufeira correspondia, aliás, a uma pequena burguesia do negócio dos frutos secos, quase sempre também camponesa, pouco numerosa, cuja capacidade de compra não justificava outros equipamentos. A indústria de conservas, tendo sido alógena, não deixara marcas nos estilos urbanos nem nas estruturas sociais.

Nos quatro tentáculos dirigidos ao longo das estradas que ligam a Quarteira, às Ferreiras, à Guia e a Pêra, a paisagem urbana, embora mais aberta, era igualmente modesta; da era da taipa e da pedra, em nada testemunhava riqueza. Através dos dois pólos administrativos — Praça da República e Praça de Miguel Bombarda — e do centro comercial, pouco denso, em forma de trapézio distorcido, com os lados na Rua de 5 de Outubro e no Cais Herculano, integravam-se na aglomeração.

Mas um novo destino se esboçava. A praia atraía já muitos veraneantes. Algarvios, do campo próximo, vindos em carros de muares, nas camionetas e até a pé passar o domingo à beira-mar. Crianças, ainda do Algarve, que, entregues a uma avó ou tia, faziam em Albufeira a época banhar, alugando um quarto com serventia de cozinha, numa casa particular, às quais se juntavam os pais nos fins-de-semana ou no fim de Setembro, uma vez terminada a apanha do figo

(S. Miguel). Outros, naturais daqui mas vivendo em Faro ou Lisboa, passavam também o Verão em casa dos familiares, ou pelo menos a semana da festa da praia. E, sobretudo, lavradores alentejanos, que a tinham escolhido igualmente para lugar de convívio. Alugavam quartos ou casas de gente da terra por dois meses. Faziam a viagem de combóio, mas uma semana antes enviavam os almocreves com colchões, roupas, loiças, o porco salgado, azeite, e até pão! A vida de praia não prejudica o ritmo de trabalho dos montes: entre a debulha e os alqueives, em Agosto e Setembro, por vezes também em Outubro. Mas este veraneio não modificara Albufeira e muito pouco contribuía para elevar o nível económico da população ⁽⁴⁸⁾. Não eram necessárias pensões (10 quartos em 1937; 21 em 1963); as rendas das casas constituíam uma achega diminuta aos orçamentos domésticos e pouco se comprava.

A construção do edifício da F. N. A. T., em 1958, desviou para Albufeira muitos lisboetas e lançou-a no turismo nacional. Mas foi a visita ocasional de artistas ingleses em voga que projectou a sua imagem para além-Pirenéus. A posição da vila e as condições geográficas apoiaram: com efeito, as praias da região correspondem ao último sector do Barlavento, de arribas altas, costas ricas de rochedos caprichosos, grutas e recantos íntimos; o clima de Albufeira é excelente, dentro do clima algarvio, já excepcional; o aeroporto de Faro, aberto no Verão de 1965, fica apenas a cerca de 35 km.

A clientela internacional, depois de 1962, não deixou de progredir aceleradamente: primeiro ingleses, depois americanos, alemães, franceses, holandeses, suíços ... Albufeira torna-se uma das praias mais cosmopolitas do Algarve. A juventude elege-a. Os turistas nacionais, atraídos pelo cosmopolitismo, elegem-na também.

O turismo moderno veio constituir uma «alavanca» poderosa para o despertar económico da aglomeração. Expansão urbana (est. XI e XII), remodelação e arranjos (est. IX e X), equipamentos hoteleiros, comercial e de recreio seguem-se-lhe; novo dinamismo demográfico; generalização do conforto nas

⁽⁴⁸⁾ Recordar-se ainda a antiga gruta dos Alentejanos, à saída do túnel, junto à arriba, onde estes se reuniam e consumiam muitas cervejas.

casas (fig. 11, est. VIII). Mas, como preço, a subida extraordinária do custo de vida, o gosto do ócio e do vício, a imitação apressada de costumes e mentalidades estranhas, choques brutais de comportamentos, sentido de vida demasiado superficial.

Na fig. 8 estão assinaladas as novas áreas urbanizadas. As formas da «era do cimento» envolvem a anterior aglomeração. Seguindo estilos de construção vulgares, nada têm de original, exceptuada a sua disposição em anfiteatro, virada à baía. Representam-na apartamentos modernos, algumas vivendas, estalagens e pensões residenciais. A esta urbanização periférica imediata há a acrescentar os vários centros que se dispersam entre Armação de Pêra e Quarteira — Quinta da Saudade (est. XV), Pátio, Aldeia Turística das Areias de S. João (est. XIII e XIV), os núcelos da Maria Luísa, da Balaia ⁽⁴⁹⁾, da Medronheira e da praia da Falésia e, já próximo de Quarteira, o complexo da Vila Moura (est. XVI) —, bem como muitas residências secundárias disseminadas ao longo de toda a costa. A remodelação de Albufeira tem sido dominada pelo cuidado de conservar o típico. As casas são por isso retocadas e escrupulosamente caiadas; nelas se introduzem elementos de conforto (água, luz, esgotos, casa de banho, fogão, esquentador, frigorífico, mobílias e tapetes) que visam o seu aluguer durante o Verão. E vale a pena, pois as rendas serão elevadas: 3 quartos, 2 casas de banho, sala de jantar, cozinha, garagem e telefone valem, pelo menos, 5 contos em Julho, 7 contos em Agosto, 6 contos em Setembro; outras, mais modestas, em Agosto, de 2500\$00 a 5 contos. Mas também se podem alugar quartos a 60\$00 ou 80\$00 por noite. Não foi possível avaliar a importância dos alojamentos complementares, a qual ultrapassa grandemente a capacidade hoteleira e afecta de igual modo a clientela internacional. Muita gente de fora comprou vivendas na região ou investiu capitais nos empreendimentos com fins turísticos. Durante todo o ano há estrangeiros em Albufeira: fixados uns, visitantes outros. Os máximos da frequência de ingleses, alemães e nórdicos registam-se, no entanto, na Primavera e

⁽⁴⁹⁾ Hotel da Balaia, luxo B, com 138 quartos, aberto em Dezembro de 1968.

nos princípios do Outono — Maio-Junho e Setembro-Outubro —, pois o Verão parece-lhes demasiado quente.

Albufeira cuidou da sua fachada. Por outro lado, ganhou um equipamento comercial numeroso e rico (fig. 11). 1963 marca o início do grande surto, com a abertura duma agência bancária (Pinto de Magalhães), dum escritório para venda de propriedades (Consultal, Consultores de Investimentos Públicos, Lda., Real Estate & Property Consultants), dum bom restaurante-bar (Chez Alfred), duma casa de artigos regionais e outra de artigos eléctricos. Mas o movimento prossegue, paralelamente ao crescimento da capacidade de recepção ⁽⁵⁰⁾: abrem 3 estalagens residenciais, com 60 quartos; 2 hotéis, com 100 quartos; 6 restaurantes; 4 bares; 11 escritórios de construção civil ou de compra e venda de propriedades; 3 empresas de aluguer de automóveis sem condutor, com 43 carros; agências dos bancos Nacional Ultramarino, Pinto e Souto Maior e Português do Atlântico; 6 *boîtes*; 4 casas de artigos regionais; 2 outras de material fotográfico, associando sempre a venda de tabacos estrangeiros e jornais ingleses, alemães e franceses; e 2 de artigos de pesca desportiva. Ainda ligadas ao turismo, surgem 2 novas mercearias, organizadas em *self-service*, 4 casas de venda de artigos eléctricos, 3 outras de móveis e decorações. Os últimos anos viram também a abertura de 2 *boutiques*, de 2 grandes salões de cabeleireiros (11 empregados) e a modernização de outros 2 já existentes. Por fim, e impressionando pela desfasagem em relação à população da vila, 2 luxuosas ourivesarias, cujas montras decorariam bem a Place Vendôme ou o Faubourg Saint-Honoré de Paris ⁽⁵¹⁾.

Este equipamento comercial destina-se à população flutuante que visita Albufeira. As curvas da evolução anual das vendas reflectem-no claramente, sendo paralelas à da clientela. As mais significativas são as que se referem ao comércio alimentar, afectado pela presença de quase todos os turistas, qualquer que seja a duração da estadia e o modo de alojamento escolhido (fig. 10).

⁽⁵⁰⁾ Os números referem-se a Dezembro de 1968.

⁽⁵¹⁾ As convenções da figura 11 não puderam ser proporcionais ao montante anual das vendas, à capacidade de recepção ou ao número de empregados, o que exigia um inquérito exaustivo, não realizado.

As iniciativas, no geral, não partiram de gente da região; as poucas, menos importantes, devem-se muitas vezes a emigrantes retornados. Assim, e uma vez mais, Albufeira deixa o seu destino entre mãos de estranhos que vieram em vista dos lucros e que partirão logo que eles falem — alguns algarvios, muitos lisboetas e, sobretudo, muitos estrangeiros. Todo este novo equipamento oferece empregos numerosos, recrutando gente na terra, por todo o Algarve e de longe — quadros dos restaurantes, hotéis ⁽⁵²⁾ e escritórios. O cálculo do número e da origem geográfica destes estará sempre desactualizado, pois a evolução prossegue, mas não restam dúvidas acerca da importância do fluxo humano desencadeado ⁽⁵³⁾. Outra população, novos empregos, mercados dinâ-

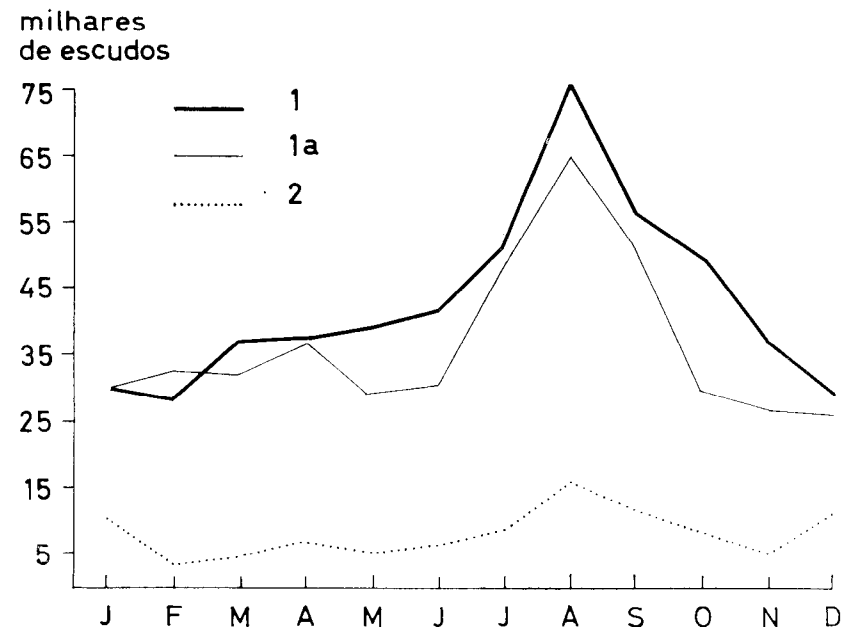


Fig. 10 — Flutuações no movimento comercial de dois estabelecimentos da Rua Direita. 1 — Mercearia, em 1967; 1a — a mesma, em 1968; 2 — estabelecimento de comércio misto (tabacaria, perfumaria ...).

⁽⁵²⁾ Da Suíça e da Áustria.

⁽⁵³⁾ Nas Ferreiras, a construção civil animou-se também. Aí residem muitos dos novos empregados de Albufeira, esboçando-se em torno desta pequena vila migrações pendulares, apoiadas quase sempre em meios de transporte individuais.

nicos. Quais as repercussões mais evidentes para os Algarvios?

Os terrenos do litoral, solos muito arenosos com modestas figueiras e vinhas, valorizaram-se extraordinariamente. Pequenas parcelas, antes quase sem valor, representaram fortunas quando vendidas para construções de recreio ⁽⁵⁴⁾. O mesmo se verifica com as parcelas urbanas. Uma casa, no núcleo antigo, construção de taipa, muito velha, com quintal, foi vendida em 1961 por 130 contos; em seguida foi remodelada, tendo sido gastos cerca de 100 contos, e vendida, em 1963, por 1300 contos. As vivendas novas, cujo custo de construção é de cerca de 500 contos, vendem-se facilmente por 2000 e os apartamentos de Malpique por 500. Os capitais circulam, as casas de habitação foram remodeladas, compraram-se outras parcelas com maior valor agrícola, e modestos camponeses, guardas-fiscais, revisores da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro abrem contas nos bancos, adquirem automóveis e iniciam uma pequena vida de novos ricos.

O desenfreado movimento de construção civil fez intensificar o trabalho em pedreiras e serrações de mármore ⁽⁵⁵⁾, fornos de cal ⁽⁵⁶⁾, fábricas de tijolo — como a Facial, instalada há poucos anos em Mem Moniz, nos arredores de Paderne, com máquinas modernas, dez camiões de distribuição e cerca de duas centenas de operários, uma outra, também em Paderne, muito mais modesta e correspondendo a capitais locais, e uma terceira, de origem semelhante, no Azinhal, entre Boliqueime e Fontainhas ⁽⁵⁷⁾ —, oficinas de ferreiros, que fazem os

⁽⁵⁴⁾ Citemos alguns exemplos: uma parcela, vendida por 40 contos em 1962, valeu 250 em 1963 (cerca de 15\$00 por metro quadrado); outra, 80 contos nos princípios de 1960 e 6 meses depois, 180. Nos Olhos-d'Água, os terrenos vendiam-se a 1\$00 o metro quadrado em 1950, 15\$00 em 1960 e 100 em 1969, alcançando parcelas de 50 m² o valor de 300\$00 cada metro quadrado. A ponte do Hotel da Balaia pediram-se, em 1962, 300 contos por um terreno que foi vendido por 2500, em 1965.

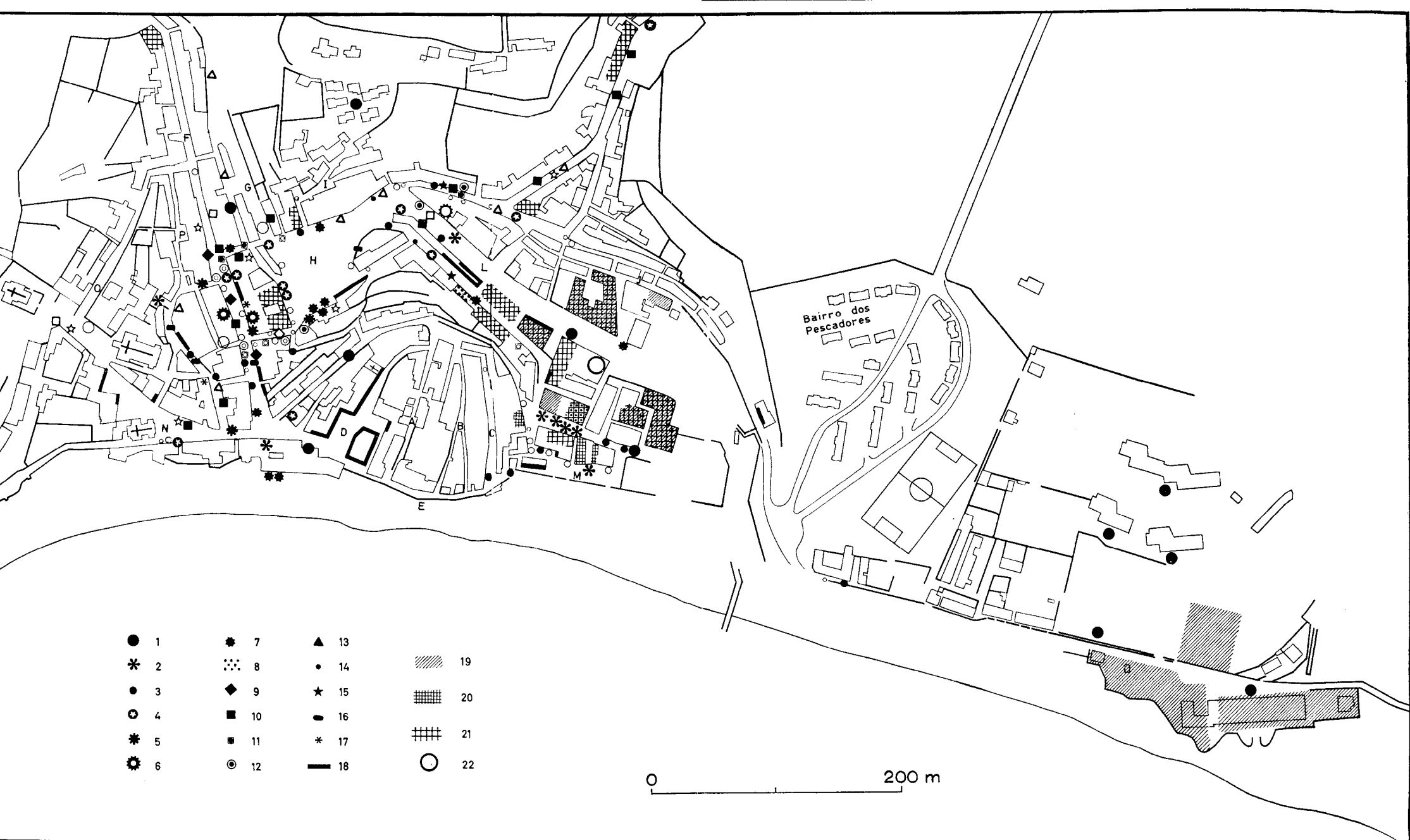
⁽⁵⁵⁾ Existem três serrações situadas entre as Ferreiras e a gare do caminho-de-ferro; a maior emprega entre 30 a 40 canteiros.

⁽⁵⁶⁾ Quase todos em Al Mancil, mas cuja produção dificilmente satisfaz a procura, sendo muito comum a escassez.

⁽⁵⁷⁾ O Algoz possui, desde há muito, uma fábrica de tijolos que abastece grande parte do Algarve.



Fig. 11 — Planta funcional de Albufeira. Os símbolos a cheio indicam que a data de e casas de recreio; 3 — restaurantes, bares, casas de chá, cafés e tabernas; 4 — escimentos de venda de artigos regionais e de pesca desportiva; 8 — armazém de m automóveis, bicicletas e motociclos e máquinas de costura; 11 — salões de cabel venda de louças, cabedais, cal e carvão; 16 — consultórios de médicos, advogados belecimentos de comércio e industrialização de frutos secos; 22 — armazém de artig 5 de Outubro (Rua Direita); G — Avenida da Liberdade; H — Largo do Eng.ª Dua Ω — Rua do Sol;



a data de abertura é posterior a 1960. 1 — Hotéis, pensões, residências, apartamentos a alugar semanalmente, pavilhões da FNAT e das Caixas de Previdência; 2 — *boîtes*, cinema; 3 — escritórios de compra e venda de propriedades, de empresas da construção civil, de *rent-a-car* e casas de decorações; 4 — escritórios de compra e venda de propriedades, de empresas da construção civil, de *rent-a-car* e casas de decorações; 5 — bancos; 6 — ourivesarias; 7 — *boutiques*, estabelecimentos de material de construção civil; 8 — escritórios de compra e venda de propriedades, de empresas da construção civil, de *rent-a-car* e casas de decorações; 9 — tabacarias e venda de jornais e material fotográfico; 10 — estabelecimentos de venda de artigos eléctricos, mobiliário, acessórios de cabeleireiros e barbeiros; 11 — estabelecimentos de venda de artigos eléctricos, mobiliário, acessórios de cabeleireiros e barbeiros; 12 — lojas de tecidos e sapatos; 13 — garagens e oficinas; 14 — mercearias, talhos, padarias e estabelecimentos de comércio misto; 15 — drogarias, advogados e agências de seguros; 16 — estabelecimentos de venda de artigos eléctricos, mobiliário, acessórios de cabeleireiros e barbeiros; 17 — farmácias; 18 — serviços administrativos e sociais; 19 — antigas fábricas de conservas de peixe; 20 — armazéns de peixe; 21 — estabelecimentos de artigos alimentares, por atacado. Ruas: A — Rua do Cemitério Velho; B — Rua da Igreja Velha; C — Rua Nova; D — Praça da República; E — Rua da Bateria; F — Rua "Eng." Duarte Pacheco (Meia-Laranja); G — Rua das Violas; H — Rua dos Telheiros; I — Rua dos Telheiros; J — Rua dos Telheiros; L — Avenida do Vale do Rio; M — Largo Herculano; N — Praça de Miguel Bombarda; O — Rua do Sol; P — Rua dos Arcos; Q — Avenida do Ténis; R — Rua do Coronel Águas; S — Largo de Jacinto d'Ayet.

gradeamentos de ferro forjado, e oficinas de carpinteiros. Ao mesmo tempo, recrutou todos os pedreiros do Algarve que não tinham emigrado, muitos improvisados, e, não bastando estes, a procura atraiu muitos outros da Serra Algarvia, do Alentejo, do Ribatejo e da região de Castelo Branco ⁽⁵⁸⁾.

O peixe de qualidade subiu de preço e a pesca adaptou-se. Douradas, salmonetes, linguados e robalos vendem-se, sobre a areia da praia, a 30\$00 ou 35\$00 o quilo; as bicas e os besugos a 14\$00 ou 16\$00; mesmo o carapau alcança, correntemente, na praça, os 18\$00; os chocos, antes quase dados, valem hoje 10\$00, na praia. Em 1965, 243 pescadores, com artes diversas, apanharam 721 contos de moluscos e 2505 de pelágicos. Em 1968 trabalhavam em Albufeira 476 pescadores, com redes de emalhar e anzóis, visando essencialmente a apanha de salmonetes, linguados, robalos, fanecas, besugos, pargos e lulas, contra 222 em armações e traineiras. Os barcos foram motorizados, mas não os das sacadas e das xávegas, que deixaram de ir ao mar; as redes são de *nylon*, bem como os cabos, e os flutuadores de plástico; um tractor ajuda a varar as embarcações na praia. 50 pequenos botes servem a apanha de moluscos, uma das mais rendosas, que abastece os mercados local e regional, as fábricas de conservas de Olhão e a exportação em fresco para Itália. Perante casas remodeladas e confortáveis e possibilidade de ganhar a vida em águas familiares, a emigração para a Alemanha começou a atrair menos os pescadores.

Na praça, os produtos hortícolas, bem como a fruta, subiram extraordinariamente de preço. Este eleva-se em cada Verão e pouco desce no Inverno seguinte. O custo da alimentação é muito superior ao de todo o Sotavento e mesmo mais elevado do que em Portimão e Lagos ⁽⁵⁹⁾. Desta especulação, pouco escrupulosa, resultam benefícios volumosos para os retalhistas, muitos dos quais, em poucos anos, conseguiram estabelecer-se. Facilita-o o facto de a vila ser rodeada por

(58) Recordemos que os salários são elevados: os pintores ganham 100\$00 a 120\$00, os canalizadores 80\$00 a 100\$00, os pedreiros 70\$00 a 100\$00 e os serventes de pedreiro 50\$00 a 55\$00 (oito horas).

(59) Os pescadores das traineiras abastecem-se avultadamente nos mercados de Portimão e Olhão antes de regressarem, para passar o fim-de-semana com a família, a Albufeira.

uma clareira de terras de sequeiro que, entre o Algoz e o vale da ribeira de Quarteira, interrompe a mancha de horticultura do Algarve litoral. Os Salgados pouco produzem e as Sesmarias apenas ervilhas e favas de sequeiro, entre Fevereiro e Abril. Na várzea da Orada, votada antes à cerealicultura, e apenas com um modesto pomar de citrinos, ensaiam-se actualmente plantações de vinha para produção de uvas de mesa. A discordância de estruturas económico-sociais apoia, aliás, esta especulação: o preço que o pescador, o carteiro ou o empregado de balcão não puderem pagar será pago pelo pessoal dos hotéis, dos escritórios, ou simplesmente pelo velho vizinho que dum momento para o outro adquiriu algum dinheiro.

O custo de vida elevado verifica-se em todos os sectores — rendas de casas [estúdio, 1000\$00 por mês; apartamento familiar, 1500\$00 a 2500\$00 ⁽⁶⁰⁾], serviço de cabeleireiros, lavagem de automóveis (*Morris* 850, 12\$50 em Lisboa e 20\$00 em Albufeira), preço duma simples cerveja, bebida ao balcão do bar, ou dum café — e torna a fixação extraordinariamente difícil, em particular para os funcionários públicos estranhos à vila que, pelo turismo, podem desfrutar dum quadro de vida mais aberto, mas que lhes cria também um crescente descontentamento das suas situações económico-sociais.

O comércio tradicional sente bastante a dificuldade de recrutar e reter alguns empregados, pois todos preferem os restaurantes, bares, cafés ou hotéis, onde, sem dúvida, são mais bem pagos, onde a procura é intensa e onde, pelo carácter internacional da profissão e por adquirirem um certo domínio das línguas estrangeiras, ensaiam muitas vezes contactos que lhes permitem emigrar, com probabilidade de integração na classe média dos países de destino. As tabernas passam a casas de pasto e certos taberneiros, sem formação e muitas vezes sem escrúpulos, a encarregados de restaurante. São os filhos de serrenhos e alentejanos, emigrados definitivamente para o Baixo Algarve, que ainda aceitam trabalhar nas mercearias, tabernas ou oficinas. Também a população femi-

⁽⁶⁰⁾ Os apartamentos da aldeia de S. João ou de Malpique alugam-se por 2500\$00 a 3000\$00 a semana.

nina escolhe as actividades turísticas, a dias ou a horas, onde igualmente o nível de remuneração é preferível e a profissão olhada como menos humilde. Deste modo, a Albuera vê-se na necessidade de recrutar, nas épocas de ponta (Setembro a Novembro), algumas operárias na Serra e no Alentejo. As de Albufeira e região são todas já idosas, pois o trabalho na fábrica não atrai as raparigas.

Nos campos, a falta de trabalhadores é enorme. Não há mais jornaleiros algarvios e o nível de salários elevou-se consideravelmente, ao mesmo tempo que o horário deixou de ser de sol a sol para se reduzir a oito horas ⁽⁶¹⁾. São os serrenhos e alguns alentejanos do sul que fornecem ainda a mão-de-obra necessária para a apanha de amêndoas e alfarrobas, bem como para alguns trabalhos das hortas, mas, tratando-se de actividades a que não estão habituados, a produtividade é bastante baixa, o que torna as jornas reais ainda mais altas. Retornando às suas aldeias, em meados de Setembro ou mesmo antes, e dado o baixo preço dos figos e azeitonas, estes já quase não são colhidos.

Alguns cultivadores, nitidamente orientados para a produção de hortalças e frutas, conseguem tirar lucro dos novos mercados. Mas Albufeira, pelo condicionalismo topográfico e pedológico, não tem arrabaldes hortícolas. Os revendedores da praça compram a intermediários e a diferença de preços no produtor e no consumidor é enorme. Aliás, a horticultura do Algarve, como já dissemos, desde há muito se orientou para mercados urbanos distantes, aproveitando a cabotagem, o caminho-de-ferro e, mais recentemente, a camionagem, sendo a oneração determinada pelos transportes compensada pelo preço da venda, que a precocidade da produção garante. Estes mercados, em particular os de Lisboa e Porto, continuam a dominar e, enquanto o Algarve exporta os seus primores — ervilhas, pimentos, pepinos, tomates, feijão verde, citrinos, nêspersas ou uvas de mesa (alguns cultivados, nos últimos anos, em estufas) —, os restaurantes e hotéis consomem pro-

⁽⁶¹⁾ As diárias masculinas eram em Boliqueime, em Maio de 1969, de 70\$00 a 75\$00. Devemos notar que no Algarve Central os jornais pagos a serrenhos são sempre superiores aos do Barlavento e do Sotavento, dada a distância que o separa do Maciço Antigo xistento.

dutos conservados em lata ou congelados, quando não organizam as compras dos mesmos no mercado abastecedor da capital! Talvez em parte pela distância, a colaboração simbiótica com horticultores de Alcantarilha, Algoz, Patã ou Boliquireme está longe de ser alcançada, raramente foi esboçada, e a presença daqueles consumidores não é encarada como motivo de adopção de novas rotações de culturas. Antes como factor responsável pela falta de peixe, conduto básico das refeições camponesas: os arrieiros, vendedores ambulantes, levam pelos montes e às aldeias apenas carapaus, sardinhas, cavalas ou bogas, pelos quais pedem preços olhados como muito altos e na verdade extraordinariamente superiores aos de há meia dúzia de anos atrás.

Albufeira aproveitou a possibilidade de sair da estagnação económica em que se encontrava. A mutação desencadeada recentemente prossegue e prosseguirá. Hoje é já difícil reconhecer-lhe a individualidade de povoação marítima. Ela vive do turismo e para o turismo. A sua personalidade não se encontra mais na praia dos pescadores, mas na praia de banhos, no passeio marginal e no centro cosmopolita, mundano, cheio de vida e de movimento.

Na praia, de Abril a Outubro, banhistas numerosos descontractam-se fisicamente nas águas calmas da baía ou torram ao sol, estendidos sobre a areia, para, com orgulho, regressarem bem bronzeados ao meio familiar.

À tarde, pelo largo e ruas do centro comercial, passeia-se uma multidão, de montra em montra, escolhendo objectos regionais, por vezes minhotos, que levarão como testemunho da sua estadia no Algarve. As esplanadas estão repletas de gente, que toma um aperitivo ou um refresco, e mais simplesmente prolonga um convívio esboçado durante a manhã à beira-mar. Tipos físicos muito variados, do louro ao mestiço e ao negro; tipos sociais também contrastantes, desde o elegante senhor inglês até aos «beatles» mais exóticos; no ar, a musicalidade da dissonância dos diferentes liguajares — inglês, francês, alemão, holandês, sueco, espanhol... e até português! As clivagens económico-sociais parecem, por vezes, temporariamente quebradas e uma nova ecologia define hoje o ambiente de Albufeira.

A vila impõe-se como um dos principais pólos turísticos do Algarve e atrai, sob o aspecto comercial e de distração, toda a clientela das aldeias de férias, das residências secundárias dispersas, e mesmo a que utiliza as casas de familiares camponeses, numa área que vai de Quarteira a Armação de Pêra.

Uma turbulência extrema domina de Julho a Setembro. Albufeira regurgita de gente. Os «hippies» dormem na praia e tocam guitarra pelos cantos das ruas ou nas escadas, à entrada e saída do túnel. A circulação e o estacionamento dos automóveis torna-se quase impossível e este é, sem dúvida, um dos mais graves problemas que terá de ser resolvido com urgência, mas não sem grandes dificuldades, dadas a topografia e a estrutura urbana (figs. 8 e 11).

Toda esta evolução parece ter sido proveitosa para a aglomeração; apenas o custo de vida se traduz negativamente, na medida em que ascende a passos agigantados. Ela explica-se, por certo, porque convergem em Albufeira todos os níveis do turismo moderno, desde a clientela aristocrata até ao turista popular da F. N. A. T., dos pavilhões das Caixas de Previdência e das modestas casas da vila. Há, portanto, uma grande diversidade de formas, que lhe garante uma certa estabilidade perante possíveis crises conjunturais ou simples flutuações da moda e da publicidade. Acessível economicamente às classes médias nacionais, a sua função de recreio está assegurada em certo grau e a determinado nível, o que não nos permite grande cepticismo sobre a resultante final deste enriquecimento bem visível actualmente. Aliás, verifica-se harmonia e equilíbrio entre a dimensão da vila e a capacidade dos hotéis e estalagens. E se, em matéria de turismo, a instabilidade, o aleatório e a contingência são leis, o facto de se não terem tentado realizações gigantescas ou grandiosas faz que o seu futuro não seja uma grande incógnita. Os dois hotéis — Sol e Mar e Baltum — foram construídos com capitais algarvios ligados ao negócio de frutos secos. Representam o prolongar da especulação sobre parcelas urbanas bem situadas, pela aplicação de capitais regionais livres, sempre de pouca monta, pois as melhores fortunas da província correspondem a indústrias de pesca e de conservas, ou de cortiça, ao comércio dos frutos secos ou a bens imobiliários, muitas

vezes em crise, e talvez por isso foram pouco ambiciosos. O hotel Sol e Mar, ao ser comprado por uma grande empresa internacional, foi afectado de uma hipersensibilidade, mas como uma minúscula célula não hesitará em vencer as flutuações cíclicas.

Na região de Albufeira, o peso dos capitais extra-regionais é bastante maior e as aldeias turísticas, bem como o hotel da Balaia, são o reflexo. Todavia, é já na periferia distante que se situa o mais gigantesco projecto regional — Vila Moura —, numa antiga propriedade nobre, de cerca de 1600 ha, decalcando uma vila romana. Pertença de proprietários afortunados de Faro, era explorada por conta própria, com a colaboração dum feitor, na sua parte de sequeiro, e arrendada em pequenos lotes, na extensão de várzea. A sua venda lançou um golpe profundo na economia de muitas explorações agrícolas modestas, com sede na Maritenda, Boliqueime e Vale Carlos, que contavam, desde algumas gerações, com os «quartos» onde faziam boas sementeiras de trigo, seguidas de milho ou de horticultura e pelos quais pagavam \$50 o metro quadrado ou mesmo menos.

Para uma área tão extensa planeou-se uma realização espectacular, muito diversificada, onde se justapõem tendências de crescimento urbano horizontal e vertical e ainda integração a montante e a jusante, na medida em que a exploração agrícola continuará segundo moldes novos, em função do mercado local e da exportação, e com técnicas de trabalho modernas, mecanizadas e racionais.

O traumatismo foi grande, ao privar aquelas empresas agrícolas dos melhores elementos da sua superfície cultivada. Vila Moura tenderá, por outro lado, a ser um dos quistos do mundo rural algarvio, cujas normas os outros agricultores não poderão seguir, por falta de capitais, de mentalidade e de estruturas fundiárias. Enxertada neste meio tradicional, acentuará o sentimento comum da população agrícola de que cava a terra, vareja os frutos ou cuida da horta porque já não tem idade para tentar nova sorte. Mas os filhos procurarão outro destino, não o de jornaleiro na Vila Moura, cujos salários são no geral mais baixos do que os que eles próprios oferecem aos serrenhos... mas um ofício, ou outro emprego mais descansado, limpo, compensador e respeitado.

A herança de terras foi afinal a sua prisão, enquanto os pais e os avós, ao empregarem o «pé de meia» na compra de novas parcelas, pensavam assegurar, àqueles que fizeram nascer, certa independência económica e prestígio social. Os tempos são outros e o amor à terra dos que a regam com o suor dos seus rostos é defendido e poetizado pelos que tiveram melhor destino!

Ê demasiado cedo para julgar a viabilidade da realização de Vila Moura, que começa apenas. E qual será a dimensão e a qualidade que permitirão um óptimo económico às complexas explorações turísticas do Algarve? Todavia, o seu possível fracasso comprometeria muito mais a economia nacional do que a regional.

Deste diagnóstico, forçosamente incompleto, da evolução contemporânea de Albufeira não podemos concluir que tudo está solucionado. Evocámos o problema da circulação; mas outros, como o abastecimento de água e de energia eléctrica a todos os aglomerados do concelho, as redes telefónicas, de esgotos e de vias de acesso, se levantam. Além disto, Albufeira projectou-se no país e no mundo, mas não na região. Não será altura de tentar harmonizar as suas funções internacionais e regionais, formar a juventude, equilibrar os equipamentos comerciais e de serviços, em especial os de saúde, e assegurar um papel de centro funcional entre as duas principais cidades algarvias, Faro e Portimão?

CARMINDA CAVACO

RÉSUMÉ

Géographie et tourisme en Algarve. Aspects contemporains. Le tourisme en Algarve, dès ses origines, fut lié à la vie balnéaire. En effet, vers la fin du XIX^e siècle, l'habitude de passer l'été au bord de la mer se généralisa sur tout le littoral portugais, touchant non seulement les élites urbaines mais aussi les classes rurales. En même temps, la pêche et l'industrie des conserves de poissons se développaient et de nouveaux hameaux de pêcheurs se créaient près des baraquas où était gardé le matériel de la pêche au thon et à la sardine. Les classes les plus modestes s'y logeaient à bon compte en partageant temporairement la maison des pêcheurs. Ces sites abrités furent aussi choisis par les gens plus riches qui créèrent de petits quartiers de villas occupées

en août et septembre. Un chapelet d'agglomérations aux fonctions mixtes (pêche et villégiature) a ainsi précocement jalonné le littoral méridional du Portugal. Praia da Rocha et Monte Gordo jouissaient d'un prestige particulier auprès d'une clientèle de haut niveau social, déjà en partie internationale, qui s'installait dans des résidences luxueuses. Mais, jusqu'en 1960, la situation marginale de l'Algarve, à l'extrémité d'un Finistère européen, séparé de la région de Lisbonne par les vastes extensions peu peuplées de l'Alentejo et voisin d'une des provinces espagnoles les moins développées, l'a tenu à l'écart des avalanches de touristes étrangers et même nationaux qui saturaient déjà d'autres plages méditerranéennes traditionnelles et en particulier celles de la Costa do Sol, près de Lisbonne. La célébration du V.^{ème} Centenaire de la mort de l'Infant Dom Henrique, à l'occasion de laquelle un grand hôtel fut construit à Monte Gordo, constitua le premier pas vers une intégration du littoral d'Algarve dans la vie de loisirs internationaux. Le déficit habituel de la balance commerciale portugaise conduisit le Gouvernement à chercher, dans la promotion touristique du Pays, l'importante entrée de devises capable de la rééquilibrer. L'Algarve, qui jouissait déjà d'une certaine réputation touristique et d'un dense réseau urbain littoral, fut déclaré zone de développement touristique prioritaire. La beauté des paysages de ses côtes occidentale (Barlavento) et orientale (Sotavento), ses plages aux aspects variés, balayées par des marées atlantiques tout en jouissant d'un climat méditerranéen au long été sec sans être torride, garantissaient la rentabilité des indispensables investissements d'infrastructure et de structure touristiques. Une propagande d'abord spontanée et les avantages du change et du coût de la vie, dévièrent vers le Portugal, et principalement vers l'Algarve, des flux croissants de touristes étrangers, venus surtout d'Angleterre, d'Allemagne, de France et des Etats-Unis. La capacité hôtelière du district de Faro évolua parallèlement, passant de 2459 lits en 1962 à 6039 en 1967.

Un démarrage aussi brusque entraîna d'importantes conséquences géographiques tout en soulevant de nombreux problèmes. Albufeira constitue sans doute le meilleur exemple des incidences du tourisme sur le développement régional, avec toute la complexité de ses conséquences positives ou négatives. Pendant des siècles, le bourg avait vécu de la mer et pour la mer. Jusqu'en 1960, les périodes d'expansion et de progrès étaient toujours liées aux fluctuations positives de la pêche, de l'industrie des conserves ou du trafic du port, par lequel, jusqu'à ces dernières années, s'effectuait une importante exportation de fruits secs (principalement de figues). Albufeira était une agglomération de pêcheurs et de marins, pourvue d'une modeste fonction régionale. Presque entièrement détruite lors du tremblement de terre de 1755 qui ravagea tout l'Algarve, sa reconstruction fut d'abord lente mais, vers la fin du XIX^e siècle, le bourg s'anima avec le développement des conserveries de poissons et jouit d'un dynamisme économique considérable jusqu'en 1930. La crise mondiale provoqua alors la fermeture des usines, le départ des «galions» et l'abandon des madragues.

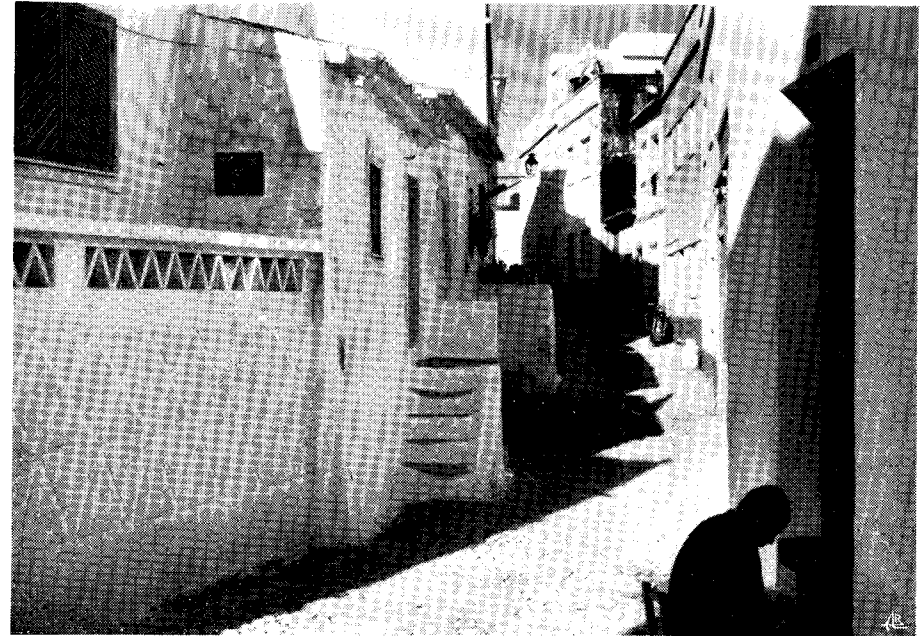
Sa population commença à décliner. L'impulsion due à la seconde guerre mondiale resta modeste: augmentation du nombre des «sacadas» qui allaient bientôt être concurrencées par les chalutiers, développement de l'exportation de figues. Quelques années plus tard, l'anémie économique régnait à nouveau et Albufeira, incapable d'assurer du travail à tous ses habitants, voyait partir les plus jeunes. La population continuait à diminuer. Le modeste paysage urbain se dégradait peu à peu.

Nombreux étaient les gens de l'Algarve et de l'Alentejo qui fréquentaient sa plage, mais ces séjours familiaux de vacances ne contribuaient que bien peu à élever le niveau économique de sa population. Il n'y avait que quelques pensions médiocres, la location de chambres chez les particuliers ne représentait qu'un accroissement modeste aux budgets des habitants, les achats étaient très réduits: du poisson et quelques légumes. En 1958, la construction d'un bâtiment de la F. N. A. T. sur le soubassement d'une ancienne usine de conserves, puis celle de plusieurs pavillons des Caisses de Prévoyance — deux formes sociales de villégiature — y firent démarrer le tourisme national. La visite occasionnelle de touristes anglais en vogue la fit bientôt connaître internationalement. Depuis 1962, la clientèle étrangère n'a pas cessé de croître et de se diversifier et Albufeira est devenue en peu d'années une des plages les plus cosmopolites de la région. Le bourg s'est étendu sur sa périphérie tandis que plusieurs villages de touristes et de nombreuses villas se construisaient sur la côte et dans tout l'Algarve littoral. La partie ancienne d'Albufeira a été remodelée, avec conservation du style de construction traditionnel, tandis que tous les éléments du confort, de l'eau courante au téléphone, étaient introduits dans les habitations, de façon à pouvoir les louer un bon prix pendant les mois d'été. L'équipement commercial se multiplia et se diversifia. L'évolution du chiffre d'affaires des divers établissements traduit la fluctuation saisonnière de la clientèle touristique. Cependant, d'autres conséquences géographiques apparaissent. La spéculation ayant porté tant sur les parcelles rurales situées près de la mer que sur les vieilles maisons du bourg, leur vente a parfois rapporté de véritables fortunes et une population jusque là modeste a commencé à mener une vie de petits nouveaux-riches. La construction civile connaît un grand dynamisme, des usines de sciage de marbres et des briquetteries se sont installées ou développées, les menuisiers, peintres et maçons ont été surchargés de travail au point de provoquer l'immigration de maçons originaires de toute la moitié sud du pays. Le prix du poisson de qualité s'est élevé de façon extraordinaire, entraînant l'introduction de nouvelles techniques de pêche, la motorisation des bateaux et la mécanisation de leur mise à sec. Les pêcheurs, qui jouissent désormais de maisons confortables et peuvent gagner leur vie sans sortir de leur horizon familial, abandonnent progressivement l'émigration vers l'Allemagne pour la pêche au hareng. Le coût de la vie s'est élevé de façon extraordinaire, surtout en ce qui concerne le loyer des maisons et le ravitaillement au marché où l'absence de cultures maraîchères dans les environs immédiats contribue à élever les prix. Un nouveau marché de la main d'œuvre, très

diversifié, s'est ouvert, avec montée des salaires dans les activités liées directement ou indirectement au tourisme et, en même temps, une extraordinaire difficulté à recruter de la main d'œuvre pour les activités traditionnelles: commerce et préparation des figues, des amandes et des caroubes, et surtout travaux agricoles. Bien que des gens de la montagne d'Algarve émigrent définitivement ou temporairement vers le Bas Algarve, ils n'assurent pas une main d'œuvre suffisante, tandis que l'augmentation du salaire journalier et la réduction à 8 heures de la durée du travail rendent extrêmement difficile la poursuite rentable de l'agriculture de «sequeiro» ou même de l'agriculture irriguée. Le tourisme s'est en effet développé spontanément, à partir d'initiatives particulières, et non pas comme un moteur intégré dans un plan de développement global de la région, comportant les réformes agraires et industrielles nécessaires pour en faire bénéficier tous les habitants de l'Algarve.



EST. I — Albufeira. Vista de conjunto.



EST. II, A — Rua da Igreja Velha. As casas com escada exterior são certamente das mais antigas e contrastam com as vizinhas já remodeladas. Um pescador «alemão» conserta o tresmalho.



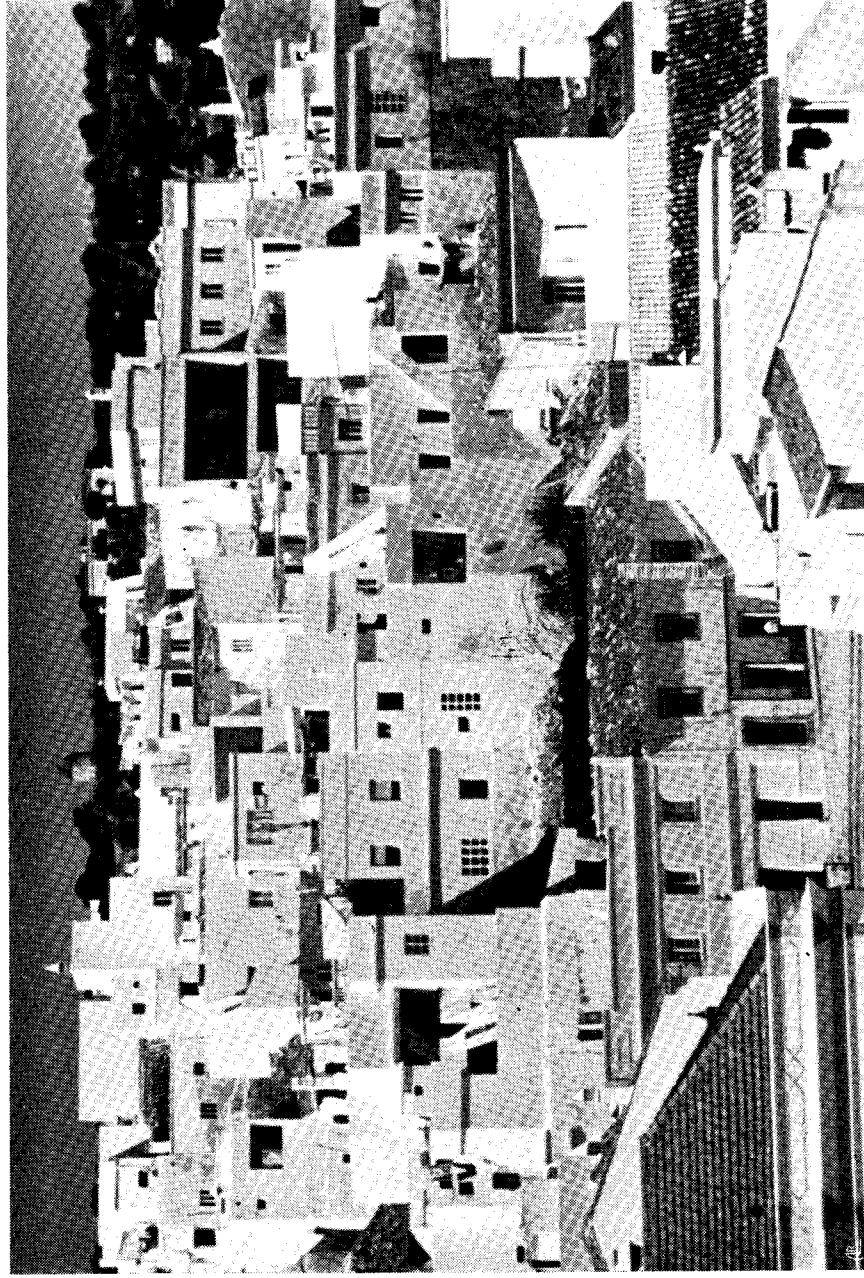
EST. II, B — Antigo tentáculo urbano de Poente, suspenso sobre a praia de banhos. A direita alguns «telhados de Tavira».



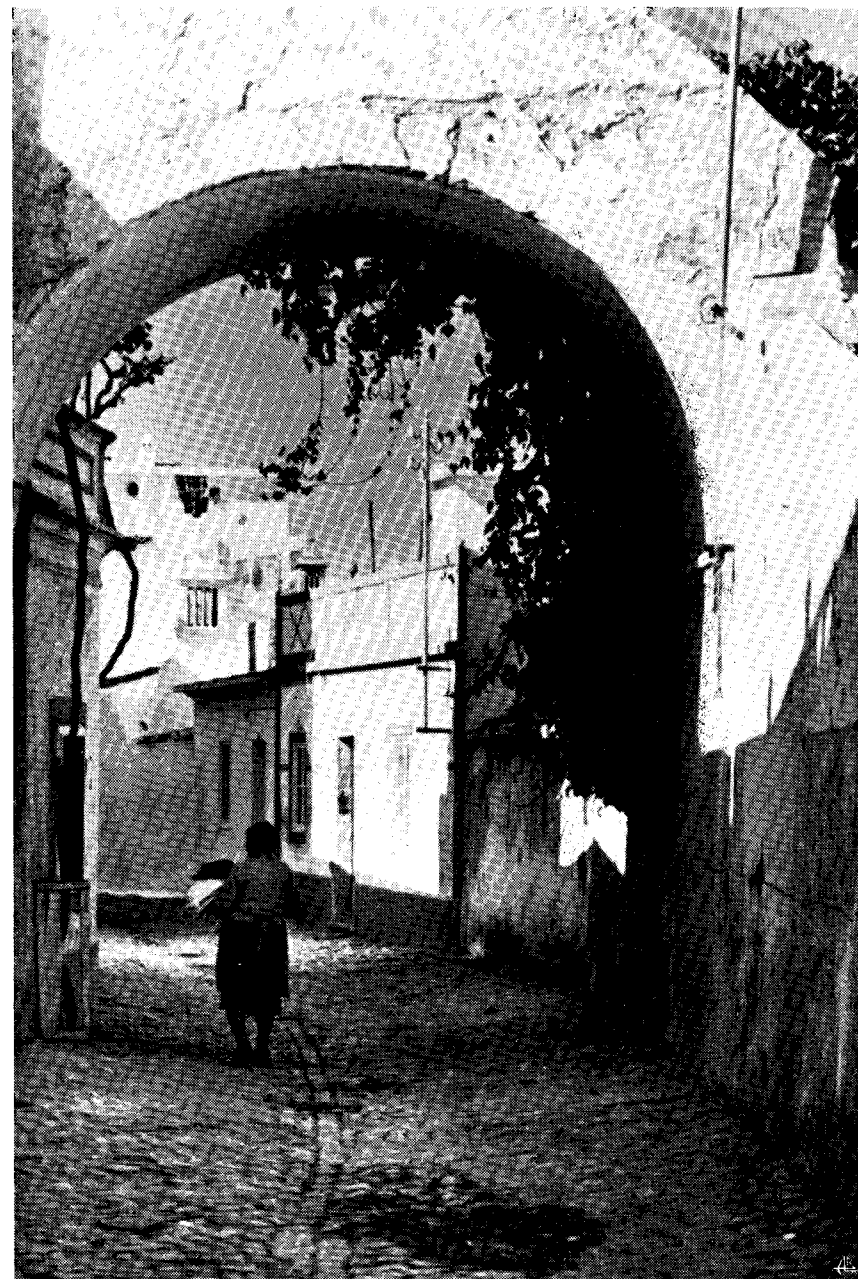
EST. III, A — Encosta nordeste. Os muros limitam eirados caiados, sobre lajes de calcário, donde a água das chuvas era recolhida para as cisternas que abasteciam a vila.



EST. III, B — Velho núcleo urbano, já bastante remodelado, e praia dos pescadores, junto da qual se encontra o mercado do peixe.



Est. IV — A remodelação recente procura conservar a expressão
algarvia: varandas, escadas exteriores, mirantes, algumas chaminés
e o gosto pela cal.



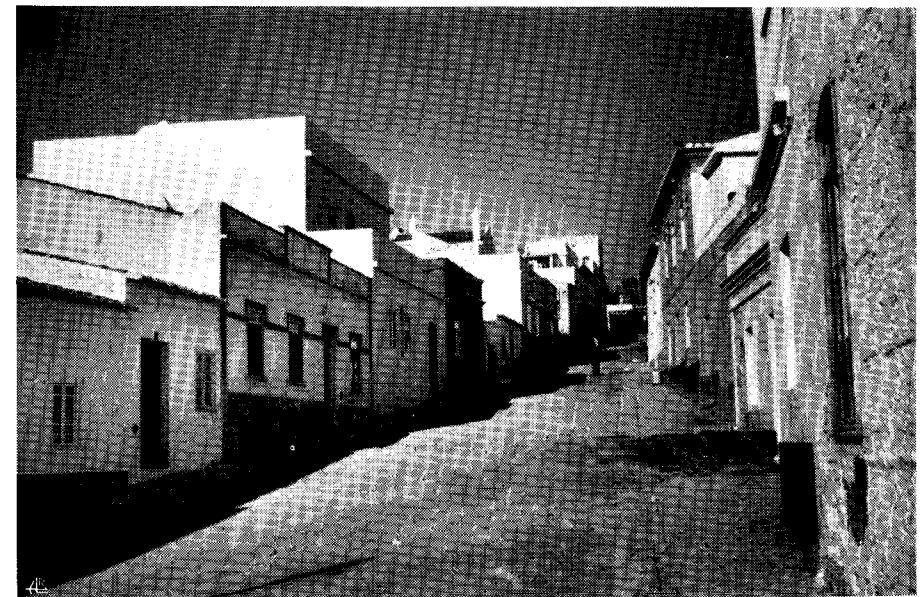
EST. V — Os arcos fazem parte da fisionomia urbana tradicional de Albufeira.



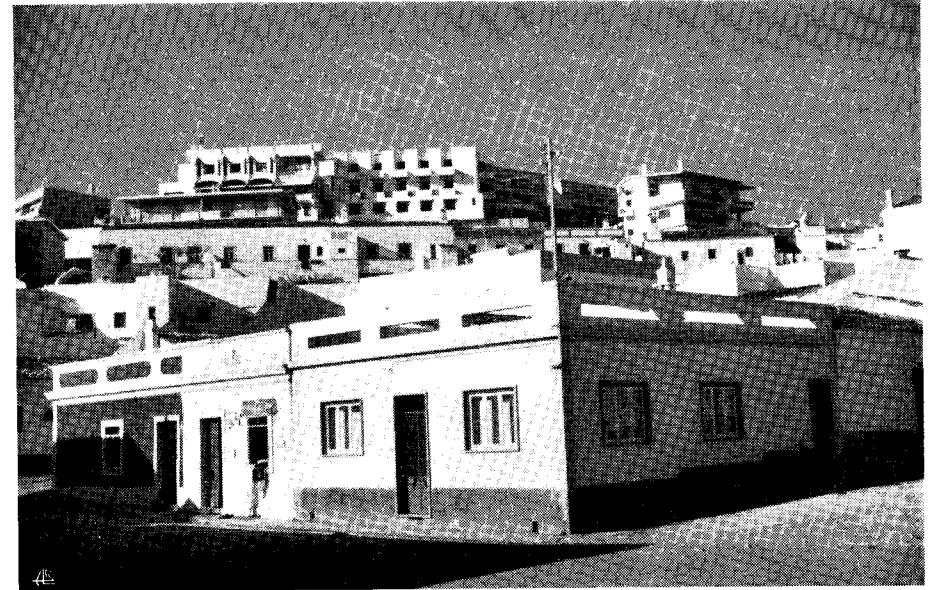
EST. VI — Mesmo as casas mais modestas têm hoje elementos de conforto e caprichosas decorações.



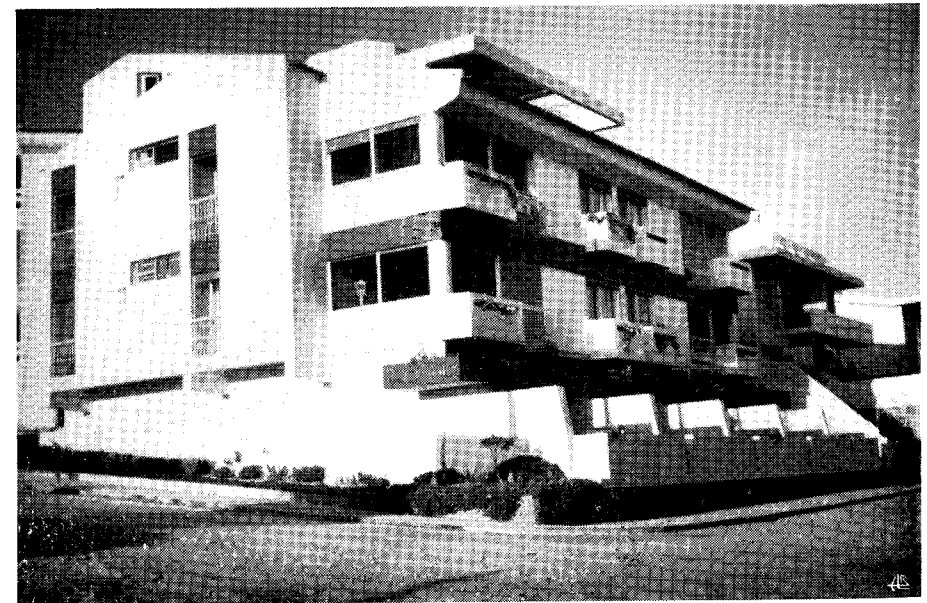
EST. VII, A — Uma rua do Rossio. Estilos da arquitectura local de 1920 a 1930.



EST. VII, B — Também no Rossio se procede à remodelação das habitações e a um mais intenso aproveitamento do solo, mesmo antes da rua ser calcetada ou asfaltada.



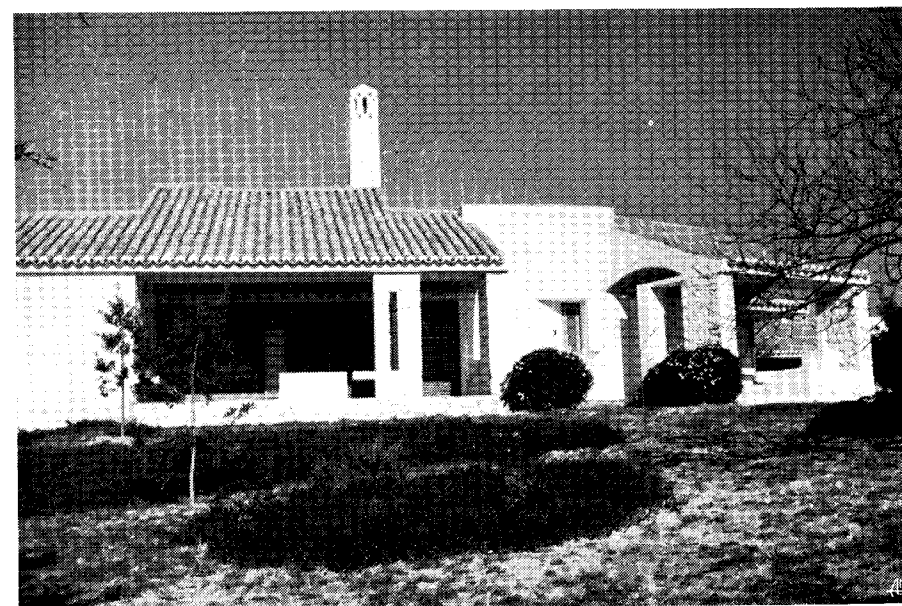
EST. VIII. A — Duas fisionomias e duas épocas de crescimento urbano:
a da taipa, no primeiro plano, anterior a 1930, por vezes
já remodelada, e a do cimento, actual, no Cerro.



EST. VIII, B — Edifícios modernos, a ponte, junto do cemitério.



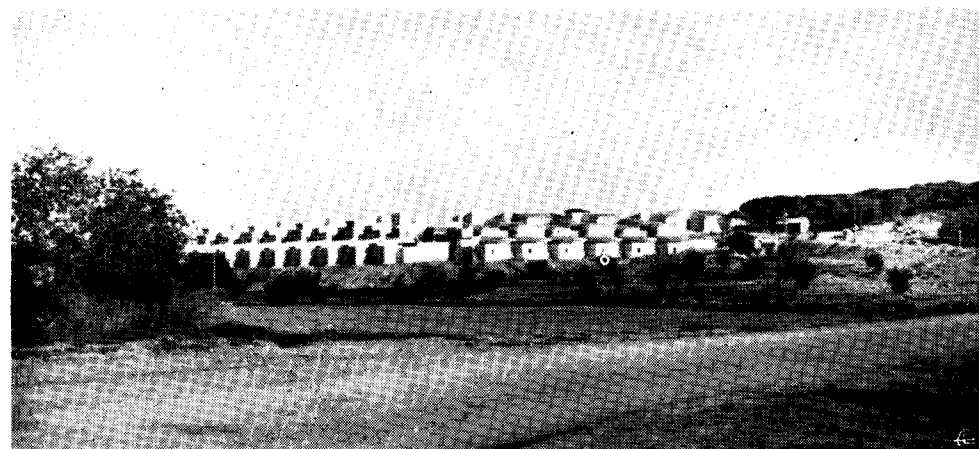
EST. IX, A — Construções da aldeia turística das Areias de S. João.



EST. IX, B — Aldeia das Areias de S. João. Apartamentos com cunho algarvio: cal, telha e chaminé.



EST. X, A — A Quinta da Saudade, conjunto turístico
a oeste de Albufeira.



EST. X, B — Uniformidade de apartamentos, em Vila Moura.



EST. XI, A — Aldeia turística da Praia da Falésia: extrema proliferação dos elementos arquitectónicos tradicionais do Algarve, já adulterados.



EST. XI, B — Arredores de Albufeira: indústria tradicional do barro.